

Cap 6 : JOÃO TIRLONI

A sua passagem terrena foi, de fato, muito breve, mas decididamente intensa e significativa. Ele é o único ancestral do vastíssimo ramo brasileiro que perpetua no Novo Mundo a passagem, as obras e também o nome do nosso avô comum: Alessandro Tirloni. A sua família, privada bem cedo do chefe de família, passou momentos de fato difíceis, mas no decurso dos anos, graças ao empenho persistente, chegou a superar a parte adversa e viver dignamente.

Para descrever a sua breve vida, tivemos a possibilidade de usar muito material e muitos relatos verbais. De maneira especial é preciso agradecer particularmente a uma testemunha excepcional que, diante de nossa pesquisa, permitiu-se abrir o livro de suas recordações, e se dispôs a falar com entusiasmo: é o João Tirloni filho. Este é o quarto filho, o único ainda em vida - neste ano de 2011- e que não obstante tenha festejado 95 anos, mantém uma memória lúcida e uma vontade de viver, de fato exemplares. Trata-se exatamente daquele filho que herdou o nome do desventurado pai, e que teve a sorte de viver assim tão longamente, bem como a honra de manter viva a memória daquele pai que conheceu só na infância.

Uma outra pessoa a quem vai o agradecimento é a tia Francisca, conhecida como "Checa" Andreoli Tirloni. Esta, faz pouco, festejou 91 anos, e mesmo não tendo conhecido pessoalmente o sogro João, conserva bem viva, na sua lucidíssima memória, todos os relatos que dele fazia a sogra Narcisa, para com a qual ela demonstra uma verdadeira devoção. Também ela colaborou com a nossa pesquisa, e aceitou, com entusiasmo, de deixar-se filmar e de recordar todos os contos ouvidos de sua sogra.

6.1 Os primeiro anos.

João nasceu em Porto Franco, hoje Botuverá, no dia **20 de setembro de 1885**, na casa da família, situada à beira do rio Itajaí Mirim. É o primeiro filho homem do casal Alessandro e Elisabetta, o qual é o primeiro filho homem de quem se tem conhecimento que chegou a sobreviver até a vida adulta.



Porto Franco: vista da vila e particular da casa Tirloni, (fotografia dos anos 60 e do ano 2009)

Como já foi dito no histórico das suas irmãs mais velhas, não sabemos se a família Tirloni começou a viver, desde o início, na grande casa dos Tirloni, ou se foi morar ali, depois, num segundo momento. Talvez, pode ser que também o pequeno João tenha iniciado sua vida em uma pequena casa de madeira que, talvez, fora construída na mesma área na qual, mais tarde, foi construída a grande casa.

João veio ao mundo nove anos depois da fundação de Porto Franco. Mas é preciso pensar também que, neste período, Porto Franco não tinha absolutamente uma aparência de uma vila, mas ao contrário, teria sido apenas um pequeno grupo de dispersas e isoladas casas de madeira em meio ao mato, no qual, com uma fadiga e uma constância verdadeiramente incríveis, o grupo de pioneiros devia lutar cada dia para sobreviver.

Também para João valem todas as considerações precedentemente feitas para as irmãs mais velhas, ou seja, que todas as crianças encontravam as mesmas dificuldades neonatais, e por isso, também para João, o fato de chegar ao fim do primeiro ano de vida, não deve ter sido absolutamente uma coisa fácil.

No momento de seu nascimento, seus pais tinham respectivamente 32 e 28 há anos, enquanto as irmãs mais velhas, (tomando por verdadeiras as datas de nascimento oficiais que, como foi dito, deixam algumas suspeitas) tinham respectivamente: Joana, cinco anos, Albina, um ano e meio, e Rosa somente nove meses e meio.

Se forem reais as datas de nascimento de Albina, Rosa e João, podemos facilmente imaginar qual tenha sido a fadiga de sua mãe para cuidar deles, naquelas condições extremas, nas quais devia viver em meio à floresta, justamente com três partos na distância de apenas dezessete meses. Apenas nascia um filho, imediatamente fica-

va grávida do sucessivo. É de fato incrível que a pobre mãe Elizabetta não tenha morrido, enfraquecida por todas estas fadigas.

Sobretudo naquele tempo era desejo de todos os casais ter filhos homens, porque esses representavam força de trabalho, ajuda no mister dos campos, mas também como continuação da estirpe familiar. Portanto se pode facilmente imaginar a alegria que devem ter provado, seja Elizabeth, como sobretudo Alessandro, quando viram que o recém nascido era um homem.

Para respeitar a tradição que queria honrar as origens familiares, ao menino foi dado o nome do avô paterno, João Tirloni, cuja recordação, já naqueles tempos, estava perdida no passado, pois havia morrido já durante a infância de Alessandro. Mas também João Neto seria destinado a viver uma vida muito breve, aliás mais breve do que aquela vivida pelo avô, do qual provavelmente ouvira falar nas recordações de infância de seu pai.

Poder-se-ia pensar que neste lugar perdido na floresta brasileira não existissem os problemas ligados ao frio (que caracteriza os longos invernos da Europa). Sobre isto, porém, se referem os nossos velhos parentes do Brasil, os quais recordam como todos os anos, - diferentemente de agora, quando já não acontecem mais, - durante o inverno aconteciam as geadas.

Certamente não era como na Itália. O frio durava apenas muito pouco, e a neve nunca existiu. Mas é preciso pensar que ninguém estava preparado para fazer frente às pequenas baixas das temperaturas. Com certeza, esses primeiros anos devem ter sido muito difíceis para todos, e sobretudo para as crianças!

João foi batizado pelo reverendo Pe. Augusto Cervantes no dia 31 de janeiro de 1886. Seus padrinhos foram: João Merico e Lamira Buschirolli, e graças à certidão encontrada nos arquivos atualmente custodiados na cúria de Florianópolis, se chegou a descobrir que esse batizado aconteceu na capela de Nova Trento.


Este fato é deveras estranho, sobretudo se se considera que no seu documento de casamento se declara que João nasceu e foi batizado em Porto Franco. Como é que aconteceu essa contradição? Dificilmente se trata de um erro, porque a localidade do batismo era mais importante do que a data de nascimento.

Também no seu caso, como para todos os velhos parentes do Brasil, o seu nome, nos registros paroquiais, foi escrito em língua italiana: "Givanni". Mas por causa da campanha nacionalista ocorrida nos anos 40, durante a ditadura de Getúlio Dornelles Vargas, seu nome sempre está escrito na forma portuguesa: "João".

Examinando as certidões de batismo de todo o resto dos familiares, se vê que, por anos, Porto Franco foi considerada genericamente como "paróquia de Brusque". Enquanto, Nova Trento, já naquele tempo, era reconhecida como paróquia, e isto deixa ainda menos margem de erro.

Considerado o longo tempo que tenha ocorrido entre o nascimento e o batismo de João, se chega a pensar na hipótese de que, por longo tempo, a pequena comunida-

de de Porto Franco não recebia a presença de um padre que pudesse administrar os sacramentos, e assim, transcorrido um pouco de tempo, Alessandro e Elizabetta decidiram levar para batizar o menino na vizinha paróquia de Nova Trento. Não se pode esquecer que, vivendo na floresta, a morte de recém nascido era muito mais fácil de acontecer, e portanto, não se podia esperar muito para a administração do batismo.



Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina
Rua Esteves Junior, 447 - Fone (48) 224-4799 - Fax (48) 222-4856
88015-530 - Florianópolis - Santa Catarina


Certidão de Batismo

Certifico que, revendo os livros de Batismo da paróquia de BRUSQUE encontrei no livro 1885 - 1889 FLS. 29V N. 27 um assento com o seguinte teor:

JOÃO - Aos trinta e um de janeiro de 1886 foi baptizada na Capella de Nova Trento pelo R. Pe. Augusto Servanzi o innocente JOÃO nascido à 20 de setembro de 1885, filho legitimo de Alexandre Tirloni e Izabel Colombi, neto paterno de João Tirloni e de Joanna Albani e materno de Calixto Colombi e Francisca Fadina. Forão padrinhos João Merico e Lamira Boscheroli. E para constar fez o presente assento que assignei. O Cura Pe. João Fritzen.

Era o que continha o dito assento e por ser verdade o afirmo e assino.

Florianópolis, 27 de Fevereiro de 2004


Diac. José Neri de Souza
Secretário

Certidão de batismo de João Tirloni (fotocópia do ano 2004)

Podemos imaginar que também a infância de João tenha sido brevíssima, senão praticamente inexistente. Podemos imaginar que o pequeno João viveu as suas primeiras jornadas cuidado, sobretudo, pela irmã maior, Joana, à qual cabia ser como uma segunda mãe para todos os seus irmãos e irmãs, enquanto a mãe e o pai estavam atarefados em todas as suas penosas e pesadas atividades referentes a fazer nascer do mato esta vila primordial.

Havia muitas coisas para fazer, praticamente tudo. Era preciso desmatar a floresta para dar lugar ao cultivo e aos espaços para a sobrevivência da família, cortar as árvores para obter a lenha para utilizar, limpar o terreno, tirando as raízes para poder cultivar e poder construir toda a infraestrutura útil. Em suma, é preciso imaginar que havia sempre muito entulho, muita desordem e, quando chovia, também havia muita lama. Não é certo que havia um mundo fácil em contato com a natureza.

Com os dias vividos sempre deste modo, compreende-se bem que os dois genitores tinham bem pouco tempo para dedicar às suas crianças, as quais devem ter aprendido bem cedo a cuidar de si mesmas. Como se usava fazer naquele tempo, as crianças eram enfaixadas e levadas junto com os genitores para o lugar onde iam trabalhar. E enquanto descansavam as costas, de vez em quando lançavam um olhar na direção das crianças para constatar que não havia problemas, e quando o pequeno chorava... como é de tradição, se deixava chorar, porque se pensava que "assim se reforçavam os pulmões"! No caso de João, pode-se imaginar que a pequena irmã Joana bem pouco teria podido fazer, também porque devia, ao mesmo tempo, ajudar a mãe a cuidar de três crianças pequenas.

Depois de uma longa jornada passada a trabalhar até ao esgotamento, com o cair da noite, chegava o momento do merecido repouso. Por certo a mãe Elizabetta entrava em casa (mais provavelmente na pequena casa de madeira) com as quatro crianças para preparar a ceia, enquanto o pai Alessandro acabava de colocar um olho nas últimas coisas, e só depois podia permitir-se descansar das fadiga, comendo os pobres alimentos que a natureza e a agricultura primordial do lugar concedia. Com quatro crianças, das quais três muito pequenas (quem sabe muitas vezes chorosas) se pode bem imaginar que, de tempo para repousar, houvesse deveras bem pouco.

Bem ou mal, estas coisas aconteciam por toda parte, e esta era uma constante na realidade dos agricultores de toda parte. Aqui no Brasil, porém, havia um agravante, porque quando durante a noite se retirava na própria casa para repousar, era preciso que os ouvidos de todos estivessem sempre em alerta para escutar eventuais rumores estranhos, que pudessem fazer pensar em um ataque da parte de qualquer animal selvagem, ou pior ainda, da parte dos Bugres. Eis que então também aqueles poucos momentos de paz terminavam, e se devia imediatamente estar atento para defender a própria vida e a dos pequenas e indefesas crianças. Em suma, a tranquilidade era uma coisa rara, e as crianças chegarem a se tornar grandes era de fato difícil!

Nota do tradutor . Para clareza do leitor, a partir deste ponto, quando se diz “João” é para entender que se trata de João Tirloni, filho de Alessandro. Quando se diz “tio João, ou velho tio João”, se trata de João filho. João é o pai. Tio João é o filho dele.)
6.2. - *Infância e Juventude*

Na casa de madeira, na qual vivia a família Tirloni, João era o único menino, junto de três irmãs maiores. Por certo, inicialmente, ele era usado pelas irmãs, que na falta de bonecas, usam os mais pequeninos da família para brincar de mães.

Quando João apenas havia completado dois anos, veio ao mundo um outro irmãozinho, um outro companheiro para brincar: Vittorio. E depois dele chegam ainda outros sete irmãos.

Quando nasceu a última filha Antônia, João tinha quase 14 anos, e era um jovem que já há muito tempo havia abandonado os brinquedos e as peraltices infantis, para usar os instrumentos de trabalho e da dura fadiga.

Para João, não havia muito tempo para dedicar ao estudo, mas aprendeu a ler, a escrever, e como se dizia naquele tempo "a fazer as contas". Ele, sendo o primeiro filho homem, representava a ajuda necessária a seu pai Alessandro no duro trabalho cotidiano. Portanto se deve pensar que João, desde pequeno, começou a se acostumar com o suor do trabalho e com os riscos da vida de pioneiro. Ajudava o pai no corte das árvores e no trabalho do pouco terreno conquistado, com fadiga, pelo corte do mato, e por certo era ainda um pouco criança quando, pela primeira vez, utilizou os perigosos instrumentos para cortar a madeira e iniciou a praticar com a machadinha e as armas de fogo.

Causa-nos, hoje, deveras, uma má impressão pensar que João tivesse iniciado a conviver cotidianamente com os riscos, quando tinha menos de dez anos. Talvez o faça de maneira inconsciente e, mesmo porque sendo ainda menino, não chegava a perceber plenamente os riscos dos quais ia ao encontro, carregando uma espingarda, montando guarda contra os Bugres, trepando nas árvores e levando em suas mãos instrumentos de corte, ou então seguindo as toras ao longo do curso de água. Mas também esta ilusão de segurança certamente diminuiu depressa, mesmo porque os acidentes estavam sempre na ordem do dia, e as notícias cotidianas estavam sempre cheias de notícias de acidentes fatais ocorridos com pioneiros que acompanharam os Tirloni nesta aventura.

À medida que iam crescendo, os irmãos menores Vittorio e Emanuele acompanhavam-no no perigoso trabalho, mas para ele, João, isto representava uma ajuda, mas também um problema, porque eram dois meninos a quem devia ensinar, controlar, e que podiam criar problemas por causa da sua inexperiência. Na falta do pai, João tinha a responsabilidade, quer do cuidado, quer sobretudo das ações dos irmãos menores. Ele devia tomar as decisões sobre as coisas a fazer, bem como no agir nas várias situações. Se alguma coisa não fosse bem, ele seria o culpado de tudo, e a ele, mais do que a todos os outros, chegariam as tremendas fúrias paternas.

Conhecendo o mau caráter de Alessandro, é fácil compreender que, a menos que João fosse particularmente alguém de sorte, pouco ou nada daquilo que fazia seria o suficientemente perfeito, de acordo com o gosto de Alexandre. E mesmo que tivesse obedecido e servido cegamente as vontades paternas, sem nunca objetar nada, dificilmente teria recebido do pai um elogio ou uma boa palavra por aquilo que havia feito. Não deve ter sido nada fácil a adolescência de João.

Não sabemos com exatidão em que período ocorreu a emancipação material que levou o pai Alessandro ao nível de potência econômica que bem conhecemos. Não sabemos, portanto, exatamente, quando se iniciaram a entrar em função todas as serrarias, e também o empório. Mas podemos imaginar que tudo tenha chegado a pleno funcionamento durante a adolescência de João. O jovem vivia na própria pele,

pessoalmente, esta grandeza e radical transformação. Não são mais uma família de pioneiros que viviam ali com muita fadiga, mas agora eram uma família de autênticos empreendedores que, no entanto, deviam trabalhar cada vez mais. Mas pelo menos as condições básicas haviam mudado muito.

Antes de tudo, este progresso significava para ele um incentivo no trabalho, mas também maiores responsabilidades, e sobretudo nos riscos a ele ligados. Uma quantidade maior de afazeres significava mais trabalho no mato, nas serrarias, com o risco de acidentes. Significava também mais viagens ao longo do rio com os balseiros, sobre as balsas de madeira, com o risco inclusive de morrer afogado. Significava, ainda, momentos perigosos com o risco de desagradáveis encontros com Bugres. Em suma, era quase pior que antes.

O pai Alessandro agora tinha sempre menos de arriscar a vida cortando a madeira no mato, e passava mais tempo a dirigir os trabalhos na serraria e a controlar o empório. Portanto, a parte arriscada agora cabia aos três jovens irmãos Tirloni, e João estava à frente do grupo.

Enquanto os jovens punham em jogo a própria vida nos diversos trabalhos, em casa, todas as mulheres da família, embora preocupadas com a sorte dos rapazes, deviam preocupar-se com a parte da gestão de todo este império econômico que compreendia as serrarias, (trabalhando para fazer a comida, cuidar das camas para os trabalhadores, e cuidar do empório), império este nascido graças à obstinada vontade do pai Alessandro, crescido e mantido tal, graças à extrema e incansável operosidade da mãe Elizabetta e de seu obediente “exército” de filhos.

Quando, pois, se retirava para dormir e descansar um pouco das tantas fadigas do dia, nada de mais fácil de acontecer do que o sono do jovem João fosse bruscamente interrompido pelos ataques dos Bugres, ou talvez, algumas vezes nem sequer iniciava seu sono, porque juntamente com o pai e os irmãos devia dispor-se a montar guarda. Podemos ainda imaginar o medo que o jovem experimentava quando, no coração da noite, era bruscamente acordado pelo pai que, talvez, já com a espingarda em mãos, o incitava a levantar-se depressa e armar-se.

Quem sabe o que acontecia em casa naquelas longas noites nas quais os homens ficavam de guarda, e as mulheres se reuniam juntamente com mãe para rezar alguma oração. Talvez chegavam a ficar nas suas camas, mas tinham todas as preocupações latejando em suas cabeças. Sem contar que também quando os homens partiam para levar a madeira para a cidade, o pensamento de quem ficava em casa, com a possibilidade do ataque dos Bugres, não ajudava a ficarem tranquilos, e ficavam concentrados nos perigos que podiam acontecer a eles mesmos. Certamente, as ocasiões para rezar e fazer pedidos de proteção não eram poucos.

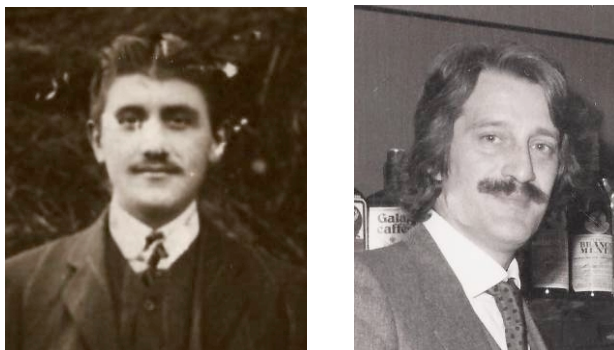
Dos relatos transmitidos até os nossos dias, se pode deduzir claramente que João era um jovem bom, fiel aos seus deveres e muito obediente. Tinha um forte senso de responsabilidade e, também, se talvez tivesse preferido fazer outras coisas de outro modo, não relaxava nunca os seus deveres, e abaixava sempre a cabeça defronte das imposições dos genitores, seguindo sempre as ordens que lhe eram impostas pelo seu tremendo pai Alessandro. Não sabemos se em juventude tenha acenado a qualquer rebelião nos seus relacionamentos com o pai. Como todos os jovens membros da famí-

lia Tirloni, era um grande trabalhador, infatigável como seu pai, e sempre pronto a fazer tudo aquilo que se lhe pedisse. Em qualquer lugar onde havia trabalho de qualquer tipo a fazer, ele se prestava com empenho e abnegação, desde o trabalho nas serriarias, ao perigo dos trabalhos como balseiro, do trabalho nos campos, ao trabalho nos fornos de tijolos, da caça aos Bugre, à venda dentro do balcão do empório. Aquele pouco de escolarização que tinha lhe era útil também para ajudar - sempre que o pai Alessandro dava a possibilidade de fazê-lo - a ter todas as contas dos múltiplos afazeres da família.

João tinha um caráter calmo e uma índole tranquila, e não lhe agradava brigar ou discutir. E no caso de discussões, preferia ceder, antes que tornar-se raivoso e brigar com o seus queridos. Nisto era exatamente o oposto do seu pai.

Dos relatos feitos pelo seu filho, pode-se deduzir que João tivesse sido esteticamente mais semelhante ao pai Alessandro, do que de sua mãe. Por ocasião da minha visita ao Brasil, em 2009, durante o encontro feito com os parentes de Nova Trento, o tio João, tendo apenas visto a velha fotografia da família Tirloni feita em 1912, observando o meu bisavô Emanuele, comentou imediatamente: "É parecido com meu pai"!

O mesmo tio João, por ocasião de sua viagem para a Itália em 1981, descrevia o próprio pai como sendo idêntico ao parente italiano Ferdinando Tirloni (meu pai!), que é o segundo neto de Emanuele, e é muito semelhante ao avô.



Emanuele Tirloni e Ferdinando Tirloni (fotografia 1912 e 1980)

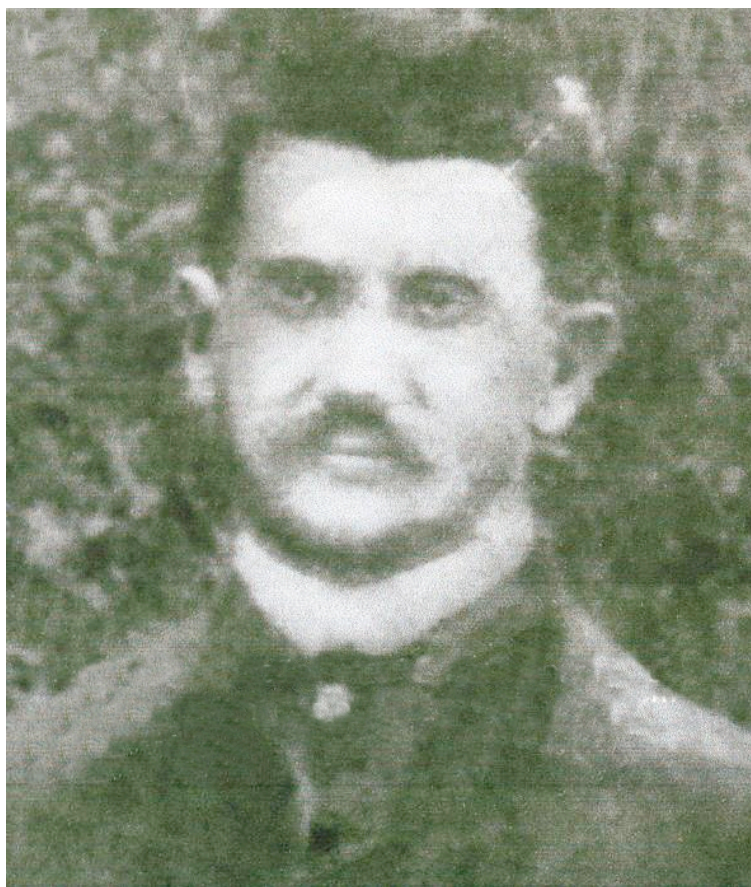
João tinha, portanto, as mesmas feições ovais e afuniladas do pai Alessandro e dos irmãos menores Vittorio e Emanuele. Não tinham o queixo quadrado da mãe Elizabetta, e também ele, como a quase totalidade dos homens daquele tempo, tinha bigodes. Não sabemos se era alto e fisicamente avantajado como o irmão Emanuele. Mas considerando a forma física dos seus filhos, chega-se a pensar que João, diferentemente do irmão Emanuele, devia ser um jovem de porte médio e de físico enxuto.

Por muito tempo acreditava-se que não existissem fotografias de João. Com efeito, pensando que vivia num Brasil ainda rural, e que havia morrido jovem, chegava-se a pensar que talvez não tivesse nunca encontrado um fotógrafo em sua vida. Até mesmo muitos dos seus descendentes por mim interrogados sobre uma sua eventual fotografia, responderam que não existiam fotografias, e que nem sequer eles sa-

biam que rosto tinha o seu avô. Deveriam contentar-se apenas com a descrição fornecida pelo tio João.

Isso era um verdadeiro pecado, porque João, se se exclui o último irmão Ângelo, morto durante a viagem de retorno para a Itália, seria o único dos onze chefes de família da nossa grande família Tirloni, do qual não se dispunha de uma foto.

A bem da verdade, o tio João sustentava que existia, sim, uma foto de seu pai, e que a mãe Narcisa a conservava como uma relíquia. De fato, depois de uma breve pesquisa, uma das filhas do tio João, a prima brasileira Gertrudes Tirloni Fernandes, nos fez uma grande surpresa, enviando-nos aquela que provavelmente é a única fotografia de João Tirloni



João Tirloni (fotografia ano 10)

Não sabemos quando João tirou esta fotografia, mas é muito provável que foi nos primeiros anos de 1.900. De fato, não obstante a foto não ser de boa qualidade, no momento em que ele se fez retratar, João era ainda jovem, com os cabelos completamente escuros, e pode-se supor que tivesse uma idade de cerca de 25 anos. As semelhanças com o irmão menor Emanuele é, de fato, muito evidente: o mesmo traço oval do rosto, o mesmo tipo de nariz, de olhos e de maçãs do rosto, e até o mesmo olhar bondoso.

Quando João tinha cerca de 20 anos, a irmã Rosa se casou com Carlos Tridapalli, um homem de Nova Trento. Ninguém sabe dizer com segurança como nasceram os relacionamentos com a comunidade de Nova Trento, vila cerca de três dezena de quilômetros de distância de Porto Franco, colonizada sobretudo por imigrantes vindos

de Trento. Talvez os contatos com aquela gente foram iniciados por motivos puramente comerciais, e por uma questão de vizinhança como imigrantes.

As posses que o pai Alessandro tinha em Águas Negras estavam ao longo da estrada que levava justamente a Nova Trento, e isto pode ter sido uma determinante positiva. O fato é que a família Tirloni tinha frequentes contatos com a comunidade de Nova Trento, e prova disto é que dois filhos de Alexandre se casaram com gente de Nova Trento

João se dirigia muitas vezes a esta cidade, tanto é que o tio João recorda que seu pai falava em bergamasco, quando estava em Porto Franco, e falava corretamente em vêneto, quando se encontrava em Nova Trento.

A tia Francisca "Checa" Andreolli Tirloni conta que o sogro João vizinha muitas vezes a Nova Trento, também para visitar a irmã Rosa. Em uma destas ocasiões, participou de uma festa que estava ocorrendo na vila, e foi naquela ocasião que conheceu uma moça, da mesma idade, de nome **Narcisa Domênica Gessele**. Os dois jovens se encontravam, iniciaram um namoro, por fim ficaram noivos.

Segundo as recordações do tio João Tirloni, pode ser que as famílias Tirloni e Gessele já se conheciam, porque não se pode esquecer que Alessandro era um "homem de negócios" poderoso e, portanto, seria conhecido também em lugares fora de Porto Franco, e justamente por causa dos seus negócios, devia ter um amplo raio de ação e de conhecimentos.

Também a respeito de Narcisa, há leves discrepâncias tanto sobre suas datas, como também sobre a escrita correta dos nomes como estão referidos nos documentos a ela referentes. No entanto, com este tipo de erros é preciso tomar cuidado, seja pelo fato de que eram escritos à mão (portanto de difícil leitura), seja pelo fato de que se precisava ter sempre presente a naturalização de todos os nomes em língua portuguesa, exigida nos anos 40 pela então ditadura de Getúlio Dornelles Vargas.

Atribuindo maior credibilidade à certidão de batismo se vê, antes de tudo, que o seu sobrenome não é "Gessele", como a tradição no-lo lembra, mas está escrito "Gessel". Conforme a certidão de batismo, a jovem nasceu de fato em Nova Trento, no dia **4 de junho de 1885**, filha de Joseph Gessel (filho de Cristóforo e Mariana Sgrot) e de Ângela Sgrot (filha de Carlos e Domênica Goler), e era, portanto, poucos meses mais velha do que João. Todos esses sobrenomes são de clara linhagem alemã ou austríaca, ou no máximo, da parte tirolesa do alto Adige italiano.

Narcisa foi batizada no dia 7 de setembro de 1885, e foram seus padrinhos: o avô paterno Cristóforo, enquanto a madrinha foi a sua avó materna Domênica Goler, da qual Narcisa herdou o seu segundo nome.



Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina

Rua Esteves Junior, 447 - Fone (48) 224-4799 - Fax (48) 222-4856
88015-530 - Florianópolis - Santa Catarina

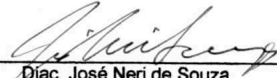
Certidão de Batismo

Certifico que, revendo os livros de Batismo da paróquia de NOVA TRENTO encontrei no livro 1883 - 1896 FLS. 79 N. 105 um assento com o seguinte teor:

NARCISA DOMENICA GESSEL - A dia 7 settembre 1885 baptizei solemnemente NARCISA DOMENICA filha do Joseph Gessel e Angela Grot Gessel nascida dia 4 ju 1885, avos paternos Cristoforo Gessel e Mariana Sgrot. Maternos Carlos Sgrot e Domenica Goler. Patrinus Cristoforo Gessel Matrina Domenica Goler. Pe. Iraci SJ. Nota - A mesma casou-se com João Zirloni vê o n. 37 dos matrimonios de 1909.

Era o que continha o dito assento e por ser verdade o afirmo e assino.

Florianópolis, 2 de Março de 2004


Diac. José Neri de Souza
Secretário

Certificado de batismo de Narcisa Domênica Jessele (fotocópia do ano de 2.004)

Não sabemos com precisão em que ano os dois jovens se conheceram, e não nos é dado saber se no começo o pai Alessandro apreciava a família da qual provinha a moça e, por consequência, se aprovava a escolha feita pelo filho mais velho. João obviamente não podia ainda saber, mas esta moça, pela qual se apaixonara, seria determinante para ele e para toda a nossa grande família, porque foi para poder ficar com ela que João, pouco tempo depois, realizaria um gesto de fato muito corajoso.

6.3. A viagem para a Itália: a rebelião à vontade paterna

Como já tivemos tido a oportunidade de dizer no relato sobre a vida do nosso patriarca Alessandro, o ano de 1909 viu uma virada formidável para toda a família Tirloni, porque o patriarca Alessandro, o pai-patrão, que sempre sujeitava todos os seus familiares à sua vontade, tomou uma decisão de retornar para a Itália.

Como já foi dito, não sabemos como esta notícia foi comunicada aos vários membros da família. Não sabemos se a família se encontrou diante de uma escolha irrevogavelmente tomada, ou se foram envolvidos desde logo pelas reflexões paternas. Mas conhecendo o caráter de Alessandro, por certo, os filhos tiveram bem pouco espaço para poderem dar a sua opinião e tenham podido influir bem pouco sobre a escolha final do seu pai. Não sabemos nem sequer se aos vários membros foi dada a liberdade de escolha sobre o seu destino.

Com certeza, a mãe Elizabete era obrigada a seguir o marido por dever conjugal, mas supomos que a ideia de retornar para a Itália não lhe desagradava de tudo. Os irmãos mais jovens (Francisca, Eliseu, Ângelo e Antônia) eram praticamente obrigados a seguir os genitores para a Itália. As irmãs casadas e os cunhados foram, com certeza, deixados livres para decidir por sua própria conta. Mas o que aconteceu com cinco irmãos grandes ainda não casados? As irmãs casaduras não tinham muita escolha, e seriam obrigadas a seguir os genitores. Mas o que teria sido dito a João, a Vittorio e a Emanuele? Poderiam escolher o seu destino, ou seriam obrigados a obedecer à vontade paterna? É mais do que certo que Alessandro queria que os seus três filhos homens, já grandes, fossem com ele para a Itália, para trabalhar a terra que ele se apresava para comprar. Não teria sentido comprar uma fazenda para fazê-la trabalhar por terceiros. Os três filhos representavam uma força de trabalho absolutamente indispensável para os projetos de Alessandro. Portanto, não estava certamente disposto a perdê-los. E João, o braço direito do pai, era o primeiro que não tinha escape, e desde logo deveria submeter-se às vontades do seu pai.

João foi o primeiro a ouvir do seu pai que deveria fazer uma primeira viagem para a Itália, junto com ele, para acompanhá-lo a visitar algumas fazendas agrícolas que estavam à venda, comprar uma, para a qual, depois, transferiria toda a família. Colocando-nos no lugar do pobre João, se vê como o jovem não só estava recebendo uma notícia clamorosa, mas se compreende que deveras teve pouco tempo à disposição para tomar qualquer decisão. Para João, isto deve ter sido o início de uma série de preocupações, se não, de fato, de um verdadeiro pesadelo.

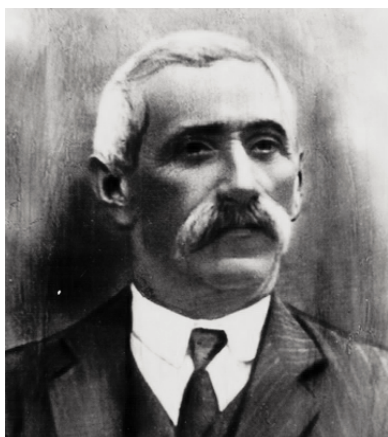
Para ele não se tratava somente de deixar todas as suas certezas e o seu mundo, mas também de cancelar todos os sonhos e projetos que seguramente tinha em mente, nos quais, sobretudo tomava parte a namorada Narcisa. Certamente o jovem, na primeira ocasião, contou à namorada o querer paterno, e é certo que ambos perderam o sono por muito tempo.

Para ambos os jovens, a escolha não era por nada fácil. Se se decidissem ficar juntos, significaria que um dos dois deveria dizer adeus para sempre à própria família, por amor ao outro. Mas se prevalecesse a obediência para com os genitores, significaria que os dois jovens deveriam romper o namoro, se deixarem, para não se verem nunca mais.

Quem sabe se neste meio tempo João tenha falado com alguém dos seus familiares. Talvez tenha falado disso com sua mãe Elizabetta, mulher boa, de coração grande, mas sem vontade própria e submissa às vontades do marido. Talvez tenha falado

com os irmãos (talvez com Emanuele, que também tinha uma namorada, ali mesmo em Porto Franco. Mas Emanuele também era de índole frágil e submisso). Talvez João tenha falado disso com alguma de suas irmãs, ou então, teria mantido todos os seus pensamentos e perturbações dentro de si mesmo, e não teria falado com ninguém.

A única coisa que sabemos, por certo, é que Narcisa não tinha a coragem de abandonar o seu mundo e a sua família para seguir o namorado nesta aventura em uma terra que, por certo, não era sua. Essa era uma escolha muito grande para ela, e João a compreendia. João não se sentia à vontade de obrigá-la a segui-lo (coisa que provavelmente teria feito o pai Alessandro, se estivesse numa situação semelhante). No entanto, João parte com a cabeça cheia de pensamentos juntamente com o pai, para essa viagem para a Itália.



Alessandro e João Tirloni como deviam parecer na época de sua viagem para a Itália. (fotografia do início do ano de 1.900)

Esta era a primeira viagem para João que, provavelmente, nunca se havia locomovido além da zona na qual nascera e crescera, enquanto que para o pai Alessandro, esta viagem representava o justo prêmio, depois de anos de fadiga e de muita coragem, e podia finalmente gozar a tranquilidade do silêncio e do merecido repouso. A presença de João representava para ele quase como que um troféu para exhibir, a prova tangível de sua vitória na vida. Agora ele era um rico senhor, economicamente realizado, acompanhado pelo seu primogênito, alguém que continuaria a sua obra, e que levaria avante o seu nome.

João, por seu lado, depois de anos de duro trabalho nas várias empresas do pai, experimentava pela primeira, e talvez pela única vez na sua vida, a beleza restauradora do repouso e da vida cômoda. Mas por certo as pesadas interrogações às quais devia dar uma resposta, e a presença do pai sempre ao seu lado, não faziam outra coisa do que piorar a sua inquietude. É de se pensar que tenha encontrado ao menos alguns momentos de distração e de relaxamento, mas pode ser que não tenha curtido muito esta viagem.

Talvez, diante da maravilha do mar e da admiração por um navio, também João se tenha distanciada do peso dos seus pensamentos, mas cada noite, ao cair do sol, tudo teria aflorado ainda mais forte e mais pesado.

Quem sabe sobre o que teriam falado os dois durante a longa viagem pelo mar. Pode ser que, ao menos nesta ocasião, o pai Alessandro tenha chegado a esvaziar um pouco a mente de todas as preocupações que sempre o envolviam. Talvez houve momentos em que tivesse chegado também a tornar-se um bom companheiro de viagem para aquele filho que, neste delicado momento, tendia inevitavelmente a ter a sua mente em outro lugar.

Pode-se pensar que tivesse havido da parte do ancião pai Alessandro ao menos um momento mágico de estranha bondade, pela qual tivesse chegado a captar a atenção do filho. Pode ser que tivesse falado das dificuldades que ele tivera, quando na mesma idade do filho, havia atravessado o oceano, carregado de esperanças e de sonhos, mas também com as imagens de tensão e de miséria perenemente diante dos olhos. Talvez o pai tenha se feito ver em uma imagem “mais humana”, se comparada àquela terrível que o caracterizava, deixando um pouco de lado a maldade, e trazendo para junto de si, o afeto e a estima do próprio filho mais velho.

No entanto, ninguém o sabe...

Depois de um mês de viagem, pai e filho chegaram na Itália (muito provavelmente em Gênova), e daqui partiram para as redondezas de Bérgamo, a terra mãe. João viu finalmente esses lugares tão diversos da realidade à qual estava habituado, e que por certo, deles ouviu falar tantas vezes nas histórias contadas pelos anciãos de Porto Franco. Com certeza, João viu brilhar os olhos do velho pai à vista "de sua terra natal".

A procura de uma fazenda agrícola para comprar impulsionou os dois a Covo, uma vila distante pouquíssimos quilômetros de Bariano, lugar onde nasceu Alessandro. Aqui encontraram, nas campinas a sudoeste da vila, ao longo da estrada que conduzia ao vizinho município de Camisano, uma pequena fazenda de cerca de 56,5 hectares, que Alessandro decidiu comprar. Era a fazenda Battagliona (chamada, em dialeto, de "La Batiúna".

Enquanto se encontravam no saguão de entrada da casa desta fazenda, o pai Alexandre iniciou a descrever as ideias que tinha em mente de como ali organizar toda a sua grande família. Em seguida, surpreendentemente, indicou ao filho um lugar no qual poderia construir a sua futura casa. Mas a esta altura aconteceu uma coisa inaudita e impensável. João ousou interromper o pai, e de uma maneira educada mas decisiva, comunicou-lhe a sua firme vontade de permanecer no Brasil para casar-se com a sua Narcisa.



Fazenda Battagliona: vista da casa de onde habitaram os Tirloni e vista juntamente com o terreiro (fotografias do ano de 2002)

Sobre este acontecimento incrível, há um belíssimo e apaixonado testemunho que, à distância de um século, ainda nos faz perceber a força e a emoção com a qual deve ter sido vivido aquele momento. O relato é trazido pela velha tia, que ainda agora residente em Nova Trento: Francisca Andreoli Tirloni, Este relato foi ouvido durante a nossa visita aos parentes de Nova Trento, em agosto de 2009. É preciso anotar que a tia tornar-se-ia nora de João, mas não o conheceria nunca pessoalmente. Tinha ouvido essa história contada pela sogra Narcisa, viúva de João. Narcisa a contava muitas vezes e revivia cada vez com grande emoção o relato ouvido do seu defunto marido João.

A tia relata o fato em dialeto bergamasco, misturado com vênето, no qual também aparecem diversos termos em português. *“O pai do meu falecido sogro disse: “João, vamos para a Itália, porque eu não me sinto mais de ficar aqui. Vamos para Bérghamo comprar um pedaço de terra, lá na Itália. Então foram embora, e de fato eles compraram este pedaço de terra. Então ele (Alessandro) disse: João, aqui tu podes fazer uma casa para ti, e viremos todos aqui para Itália”. Então o meu sogro (João) disse: “Veja pai, eu vim para a Itália para acompanhar o senhor, para decidir e fazer o negócio. Mas eu, de Nova Trento, não me afasto, porque eu quero muito bem à Narcisa, e eu quero casar com ela. Para a Itália eu não venho”.*

A decisão de João era o único ato de insubordinação e desobediência nos relacionamentos com o próprio pai e com a própria família, mas era, ao mesmo tempo, o seu maior ato de amor para com a namorada, que, aliás, o esperava no Brasil. Encontrando-se diante de uma encruzilhada, devendo escolher entre os deveres e o afeto para com a sua família, de um lado, e a voz do seu coração, de outro lado, João escolheu ouvir aquilo que lhe dizia o seu coração.

Uma escolha de amor digna de ser publicada entre aquelas histórias aprendidas nos livros de escola! Não sabemos quando João teria tomado essa sua decisão. Pode ser que tivesse tudo claro na cabeça já no momento da partida. Pode ser que tivesse feito a escolha quando a namorada lhe comunicou que ela não aceitaria fazer uma semelhante escolha. Pode ser que a decisão tenha sido tomada quando, no pátio da fazenda Battagliona, ouviu do próprio pai qual era a sua vontade para o futuro do filho, mas que desta vez, ele não aceitou esta enésima imposição paterna. Talvez João espe-

rava poder comunicar tudo ao pai somente no momento de chegar no Brasil, para evitar as tremendas fúrias paternas. Mas desta vez João não conseguiu conter-se diante do pai, que pela enésima vez se impunha. Não sabemos como ocorreu. Sabemos só que João, o jovem com grande senso do dever e espírito de abnegação, o jovem bom, obediente, a quem não agradava discutir, demonstrou uma coragem verdadeiramente incrível, uma coragem digna e comparável àquela do próprio pai.

Ao definir a escolha de João como “corajosa”, eu uso esse termo não impropriamente, porque é preciso pensar no significado e nas consequências do gesto do jovem. Antes de tudo, o significado: naqueles tempos a educação não permitia de rebelar-se ou opor-se à vontade dos próprios genitores. Basta lembrar que ao falar com os genitores, dirigia-se a eles não usando o TU, como se faz agora, mas o VÓS, próprio para indicar o respeito e a submissão. Quanto às consequências, é preciso considerar que com sua escolha, João colocava em dificuldade toda a sua família, porque sem ele, vinha a faltar um terço da força de trabalho jovem, útil para a fazenda. Portanto, não era só o pai que perdia o seu “braço direito”, mas todos os irmãos perdiam aquele que os orientava, a sua experiência e o seu trabalho. Essa decisão de João foi uma autêntica punhalada no velho pai.

Pai e filho, a esse ponto, retornaram para o Brasil para organizar o traslado da grande família, mas esta viagem de volta para ambos não foi seguramente tão relaxante como a viagem de ida.

O pai Alexandre estava raivoso, e por certo também desgostoso pelo novo caminho em que entraram os acontecimentos. Podemos imaginar o quanto deve ter tentado, com seus modos bruscos, convencer João a falar com a namorada e a obrigá-la a segui-lo, ou então, a deixar a namorada para seguir com a família para a Itália. Quando então compreendeu que João havia tomado a sua decisão, e era irremovível em sua escolha, certamente mais vezes deve ter investido contra ele, perguntando-lhe com que coragem havia ousado faltar-lhe o respeito, fazendo-lhe uma semelhante afronta.

Conhecendo o mau caráter de Alessandro, pode-se também supor que se tenha enraivecido de tal modo, a ponto de não mais dirigir a palavra ao filho, ou até, talvez, de lhe dizer que não tinha nenhuma intenção de presenciar o seu casamento.

No entanto, não sabemos exatamente como aconteceram estes fatos, e não sabemos nem sequer como a família teria recebido a notícia, quando os dois chegaram em Porto Franco. Por certo, não deve ter sido um momento fácil. É de se supor que ao menos alguém da família tenha compreendido João, e se tenha colocado em sua defesa, procurando acalmar a ira do velho Alessandro. Talvez João tinha já tomado a sua decisão antes de partir, e a teria já comunicado a alguém, em casa, reservando-se a parte mais difícil, que seria de dizer ao pai, em um segundo momento. Em uma situação como essa, tudo teria sido menos difícil para ele.

Com certeza, uma pessoa que teria chorado de alegria ao ouvir essa notícia teria sido a namorada Narcisa. Considerando os tempos de percurso dos navios, se pode imaginar que a viagem de João e de seu pai tenha durado ao menos quatro meses. Portanto, era igual o tempo em que a “Julietta” de Nova Trento não via mais o seu “Romeu”, e para eles havia grandes e belas novidades no horizonte.

Se, como é provável, Narcisa não soubesse das escolhas de João, para ela deveriam ter sido intermináveis os meses de expectativa, de angústia e de orações na esperança de que o namorado escolhesse a ela, em lugar da família. O abraço de reencontro deve ter sido um momento de medo, que cessou depois de um choro libertador, logo depois que o namorado lhe contou como ocorreu a viagem. Se, em vez, a jovem já tivesse tido conhecimento da decisão de João, para ela teriam sido quatro meses de pensamentos e orações para suportar a distância do namorado. Em suma, como quer que tenham acontecido esses fatos, com certeza, para Narcisa foram meses de lágrimas e orações.

Esses últimos momentos passados junto de sua família devem ter sido, para João, de fato difíceis e pesados. Provavelmente o pai Alessandro deve ter conservado por toda a sua vida uma distância nos seus relacionamentos. Mas apesar disso, decidiu de não deserdá-lo, talvez porque era notória a coragem demonstrada por João, que outra coisa não era do que a mesma coragem que ele, Alessandro, sempre teve por toda a vida. Portanto, também se não o perdoou, decidiu de ser justo com ele, e lhe deixou todas as suas propriedades de Águas Negras, localidade colocada um pouco distante da vila, propriedades essas situadas ao longo da estrada que levava a Nova Trento.

A respeito deste fato, há o testemunho da tia Francisca, de Nova Trento, que conta: "A minha defunta sogra Narcisa contava que Alessandro lhe deixou a vaca, os porcos, as galinhas, a casa de madeira, e tudo aquilo que havia ali, (a serraria) e eles se foram todos embora, e ele permaneceu ali".

Ao contar esse fato, acontecido há cem anos, a tia Francisca ainda se comoveu, sinal de que aquela que lhe contou muitas vezes esse fato (a sogra Narcisa) havia provado sofrimentos por aquele marido que havia decidido separar-se da família para permanecer com ela. Mas também para João não deve ter sido fácil separar-se da própria mãe e dos jovens irmãos e irmãs.

É preciso ter presente também o fato de que enquanto as irmãs mais velhas já possuíam a sua própria família, João permanecia em Porto Franco, completamente sozinho. (Também porque o irmão Vittorio estava na cidade para estudar).

Veio o momento da última despedida na qual, todos sabiam muito bem que não haveria mais apenas um "Arrivederci" – um até logo - mas que se saudariam com a certeza de que nunca mais haveriam de se ver.

Não temos relatos detalhados deste momento, portanto não sabemos com precisão como ocorreu exatamente a despedida. Mas pode-se pensar que, ao menos por ocasião de um semelhante acontecimento, todos estivessem presentes, juntamente com os amigos e conhecidos da vila, para saudar e abraçar pela última vez os parentes que partiam. Por certo, correram muitas lágrimas. Sobretudo é de se ter muito presente que nos relacionamentos com sua mãe Elizabetta, senhora delicada e doce, João tenha nutrido verdadeiro e profundo afeto. Mas não é de se excluir que em um semelhante momento, João tenha provado tristeza também ao dizer adeus ao pai-patrão Alessandro, e os dois se tenham saudado com sincera comoção.

Chegou o momento do definitivo afastamento. E enquanto todos os que ficavam, estavam parados e saudavam, o grupo de nove pessoas voltava as costas definitivamente para Porto Franco, e se encaminhavam em direção da Itália. Pouco a pouco

as suas figuras desapareceram para sempre, escondidas pela abundante vegetação que ladeava a estrada. Talvez também a jovem Narcisa estivesse presente, talvez com seus pais, junto da gente que saudava os Tirloni que retornavam para Itália. Talvez seja também por isto que ela (Narcisa) contava com tão grande emoção a saudação entre os familiares que ficavam e os que partiam, e de fato, enquanto todos partiram, o seu João “ficou ali”!


O fato de que algum dos emigrantes tenham tido a sorte de poder retornar para a sua terra natal era uma coisa verdadeiramente única que se “tornara notícia”. Pode ser que Narcisa tenha vivido esse fato da despedida como expectadora direta, e não o tenha somente ouvido, apenas contado pelo seu namorado. Também por isso, passados tantos anos, contava à nora aquele momento da despedida vivido por ela. Também por isso, quando depois a contava para nora Francisca, revivia e transmitia a quem a escutasse as mesmas emoções vividas na própria pele, tantos decênios antes.

João se tornou o único dos velhos parentes brasileiros que chegou a ver a Itália e a casa onde a sua família passou a viver por muitos anos.

6.4 O matrimônio e os filhos

Como já foi dito, não sabemos com certeza em que mês os Tirloni partiram de volta para Itália. Parece que teria sido no início de junho de 1909. Sabemos que durante esta viagem o jovem Ângelo, irmão menor de João, encontrou a morte, cuja causa não sabemos. E enquanto sobre o navio a família Tirloni estava envolvida em

tão triste dor, no Brasil, os irmãos que permaneceram, inevitavelmente desconhecedores de tudo o que havia acontecido aos seus familiares em viagem, se preparavam para fazer uma festa: no dia 17 de julho de 1909, na capela do Sagrado Coração de Jesus, em Nova Trento, João, com 23 anos, coroava o seu sonho, desposando sua noiva coetânea Narcisa.



Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina
Rua Esteves Junior, 447 - Fone (48) 224-4799 - Fax (48) 222-4856
88015-530 - Florianópolis - Santa Catarina


Certidão de Casamento

Certifico que, revendo os livros de Casamento da paróquia de NOVA TRENTO encontrei no livro 1904 - 1911 FLS. 44 N. 37 um assento com o seguinte teor:

JOÃO TIRLONI E NARCISA GEZZELE - Aos desessete dias de julho de mil novecentos e nove na Igreja do SS. Coração de Jesus, satisfeitos os preceitos Canonicos, perante mim e as testemunhas João Morelli e Victorio Tirloni , e em conformidade ao Decreto "Ne temere", receberam-se em matrimonio JOÃO TIRLONI de vinte e tres annos de idade , filho legítimo de Alexandre Tirloni e de Isabel Colombi nascido e baptisado em Porto -franco Municipio de Brusque, com NARCISA GEZZELE de vinte e dois annos de idade , filha legitima de José Gezzele e de Angela Groth, nascida e baptisada neste Municipio. Pe. João Maria Cybec.

Era o que continha o dito assento e por ser verdade o afirmo e assino.

Florianópolis, 27 de Fevereiro de 2004


Diac. José Neri de Souza
Secretário

O certidão de matrimônio de João Tirloni e Narcisa Jessele (fotocópias do ano 2004).

Lendo o certidão de casamento, se chega a descobrir que foram testemunhas o seu irmão mais jovem, Vittorio Tirloni, que havia ficado no Brasil para terminar os estudos, e o cunhado José Morelli.



As testemunhas: Vittorio Tironi e José Morelli (fotografia dos anos 20)

Como sempre, aparecem dúvidas sobre as datas. De fato, consta que João foi batizado em Porto Franco, enquanto no seu certidão de batismo se fala de capela de Nova Trento. Já em relação a Narcisa, ela aparece com um ano mais jovem do que o esposo, enquanto conforme o seu certidão de batismo, consta ter nascido alguns meses antes de João. Mas a coisa que, de fato, chama a atenção, é a data do casamento, que foi realizado logo depois da partida da família, e portanto, os genitores não estavam presentes ao casamento do seu filho mais velho.

Parece incrível, mas dá a impressão que este casamento tenha sido realizado voluntariamente quando todos os familiares que voltavam para a Itália, estivessem em pleno mar. Dessa forma Alessandro não podia absolutamente fazer ouvir a sua voz

Muito mais do que isso, João, apenas chegado da viagem de volta da Itália, na qual havia comunicado ao pai a sua intenção de ficar no Brasil, pediu em casamento a namorada, mas precisava submeter-se aos trâmites eclesiásticos/burocráticos antes de se casar, o que demoraria algumas semanas. E por sua vez, Alessandro deveria ter outras obrigações para cumprir, pela compra da fazenda Battagliona, obrigações que exigiam que estivesse presente no território italiano, não depois de uma data precisa. Portanto, poderia ser por isto que a família não poderia esperar para presenciar o casamento do filho mais velho.

Uma outra possibilidade é que o casamento teria acontecido numa data tão próxima, porque João, tendo permanecido sozinho depois da partida dos familiares, mal suportava aquela situação, e em vez de esperar, decidiu de acelerar o tempo, fixando o casamento o mais depressa possível.

Uma hipótese que esperamos esteja errada, é que o ancião Alessandro, quis evitar voluntariamente de participar deste casamento, porque ainda estava encolerizado com João pela afronta a ele feita na Itália no pátio da fazenda Battagliona, e por isso decidiu partir sem demora com a família, de propósito para não participar do matrimônio, e não arruinar o dia mais belo da vida do filho. Sinceramente, espero que esta

minha hipótese não seja verdadeira porque, de outra forma, seria de considerar como um ato de absoluta maldade, coisa que para Alessandro, aliás, não seria problema de fazer.

Talvez tudo pode ter acontecido diversamente e, na verdade, a família estivesse presente ao casamento. Mas os relatos dos parentes no Brasil concordam em dizer que "todos foram embora, e João permaneceu aqui sozinho". No registro municipal de Bariano está consignada, a lápis, uma nota referente a Alessandro: "Transferido para Covo no dia 24 de julho de 1909", portanto, é impossível que se encontrasse no Brasil apenas uma semana antes, quando ocorreu o casamento.

Foram feitas várias hipóteses no que se refere a esta nota escrita a lápis, mas todas se tornaram privadas de fundamento, considerada a breve distância que transcorreu entre as duas datas. Portanto, se pode concluir que este matrimônio aconteceu enquanto os irmãos e irmãs menores, mas sobretudo, enquanto os genitores de João estavam em viagem pelo mar, e não é de se excluir que a escolha da data tenha sido proposital.

O casal João e Narcisa tiveram oito filhos:

1. **Salvador** (13.06.11 / 28.07.1927)
Morreu como noviço Jesuíta
2. **Marcial Alexandre** (19.02.1913 / 19.09.197)
Casou-se com Claudina Gullini (05.02.1919 / 19.11. 2007)
3. **Luíza** (20.02.1915 / 14.04.1981)
Casou-se com Inácio Darós (30.07.1910 / 18.08.2001)
4. **João** (21.06.1916/ 08.11.2011)
Casou-se com Maria Josefina Darós (1921)
5. **Madalena** (1918 - 1991)
Casou-se com José Bassi (??? - 2001)
6. **Palmo** (18.04.1920 / 28.02.1966)
Casou-se com Francisca Andreoli, dita "Checa" (18.06.1920)
7. **Argentino**, conhecido como Lino (28.12.1921 / 12.05.2004)
Casou-se com Maria Battisti (15.05.1927 / 20.12.1997)
8. **Maria** (1924 - 1998)
Casou-se com Germano Darós (??? - ???)

Infelizmente não dispomos de todas as datas relativas aos cônjuges, mas sabemos, ao menos, os anos de nascimento de todos os filhos deste casal. Pode-se ver que todos os oito nascimentos acontecem em um espaço de tempo de treze anos, e são equitativamente distribuídos. Poder-se-ia pensar que todas as gravidezes de Narcisa teriam ocorrido muito bem. O único elemento duvidoso é o fato de que o primeiro filho nasceu praticamente dois anos depois do casamento, e pode-se hipotizar que no primeiro ano de casamento, os dois jovens tenham perdido algum filho.

Quando nasceu a última filha, Maria, os genitores tinham ambos 38 anos, e João morreu mesmo nos primeiros meses de vida desta menina. De fato, no seu certificado de morte se diz expressamente que deixou oito filhos menores. Portanto, significa que a sua última filha já havia nascido.

Observando os nomes que o casal escolheu para os próprios filhos se nota que, em plena contra tendência no que refere à tradição ainda viva até há poucos decênios, em que aos filhos eram dados nomes escolhidos entre aqueles que eram familiares (e os primeiros dentre todos os nomes escolhidos eram os dos avós), contrariando essa tradição, os jovens cônjuges Tirloni se mostram muito modernos e escolheram nomes completamente fora do panorama doméstico.

Ao filho primogênito foi dado um nome que não pertencia a nenhum membro da família Tirloni, e nem sequer à família Gessele, já que não é um nome comum junto da comunidade de língua alemã. Aliás, não se trata nem sequer do santo do dia no qual nasceu, porque no dia treze de junho, desde sempre, se comemora o santo Antônio de Pádua. O nome do avô paterno, Alessandro, tornou-se o segundo nome escolhido para o segundo filho, o qual é o único a ter dois nomes, quase a indicar que o velho Alessandro se tivesse ressentido pelo fato de que ao primogênito não fosse dado o nome dele.

O quarto filho herdou o nome do pai, coisa muito usual naqueles tempos, enquanto aos filhos Palmo e Argentino foram dados nomes de fato estranhos, para não dizer absolutamente impensáveis, para gente de origem italiana.

6.5. *A vida em família*

A partir deste ponto da sua história, vem em ajuda os relatos do seu único filho, ainda vivo, que foi testemunha ocular desses primeiros anos. Sobretudo de grande interesse foi uma elogiável iniciativa do tio João Tirloni que em 1998, com a idade de 82 anos, levou a mulher e alguns dos seus dez filhos a conhecer os lugares de sua aventurosa infância, e nesta ocasião os filhos filmaram o velho pai, enquanto descrevia minuciosamente cada lugar, contando anedotas e recordações de todo gênero.

Essa iniciativa nos deu um testemunho verdadeiramente precioso!

O tio João conta que depois do casamento, os genitores João e Narcisa se estabeleceram em uma localidade de Porto Franco chamada “colônia”, e foi naquele lugar que nasceram todos os oito filhos do casal. A colônia era um pedaço de terra que João tinha recebido em heranças do pai Alessandro, quando este tinha partido para a Itália em 1909, e que distava cerca de 3 km do centro da atual Botuverá. Nesta propriedade vivia, fazia tempo, (e os seus descendentes continuam a viver ainda nos dias de hoje) Estêvão Colombi, irmão da mãe Elizabetta, e portanto tio de João. Também morava ali a família Zanca, que desde os inícios estava junto dos nossos parentes, ajudando-os.

Nos dias de hoje, a estrada onde estava localizada a velha casa de João e Narcisa se chama “Rua 9 de junho”. Enquanto viveram nessa localidade, os filhos do casal – pelo menos os maiores - chegaram a estudar alguns meses, suficientes para aprender as regras básicas de escrever, de leitura, e de aritmética.



O lugar onde estava a casa de João, na localidade denominada colônia. (filmada no ano de 1998)

Em seguida, todos esses terrenos foram vendidos para a Albina Tirloni Maestri, irmã de João. Recentemente a velha casa foi demolida para dar lugar a uma nova e moderna casa, na qual vivem os descendentes de Pedro Maestri, filho de Albina, casado com uma descendente de Estêvão Colombi.

A partir dos relatos transmitidos pelo tio João Tirloni, o matrimônio de seus genitores foi de fato um bom casamento. João e Narcisa tiveram sempre uma perfeita identidade de vida, viveram sempre muito de acordo, e entre eles não houve jamais mal-entendidos ou discussões. O tio João disse que nunca viu os seus pais discutirem ou levantarem a voz em casa, por nenhum motivo. Em todos os relatos que o tio faz em relação ao seu pai, destaca sempre o fato de que este era um homem muito bom, nada colérico ou nervoso. Não era uma pessoa a quem agradava brigar ou alçar a voz. Também com os filhos sempre foi muito bom e generoso. O tio João chega a dizer que as únicas vezes em que viu o pai alterar a voz foi em uma ocasião de divergências com a irmã Albina.

Narcisa é lembrada pelo filho como uma excelente mãe e uma hábil dona de casa. Era muito submissa ao marido João e deixava que ele tomasse todas as decisões no que se referia à vida familiar, sem nunca discutir as suas escolhas. De fato era João que se ocupava dos afazeres da família, negociando pessoalmente todas essas tratativas econômicas e cuidando de toda a contabilidade. Este relato é muito importante porque é por ele que se chega a compreender que João sabia ler, escrever e fazer contas. Provavelmente não havia nunca frequentado por mais tempo a escola, mas havia estudado o tanto que bastava para saber ter o entendimento em tudo aquilo que serviria para o seu comércio e o andamento familiar. João Tirloni e Narcisa eram ambas pessoas de muita fé, não deixavam nunca de frequentar a missa dominical, e fizeram crescer os seus filhos ensinando-os a respeitar a Deus e a participar da Igreja.

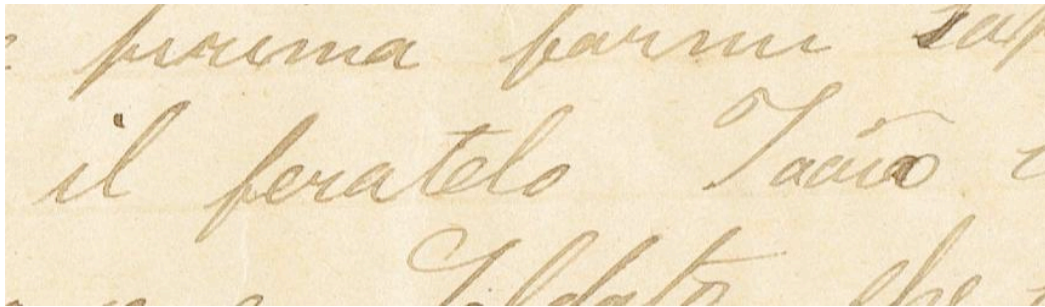
Descobre-se também que os genitores, quando podiam, participavam de boa vontade nas várias festas que eram realizadas na comunidade de Porto Franco, e sobretudo procuravam se fazer presentes aos vários matrimônios de familiares e de conhecidos.

A propósito disto, o tio João nos conta que nas ocasiões das festas, quando ocorriam bailes, João e Narcisa não deixavam de dançar. Pelo menos naquelas poucas ocasiões, o grande trabalhador, bom, calmo e tranquilo, junto com sua brava e obediente mulher, pela qual havia ousado realizar o maior ato de amor de sua vida, encontravam momentos de alegria, nos quais podiam se divertir e sorrir.

Também esse foi um relato muito importante porque faz entender que ambos os cônjuges gostavam de dançar, e sobretudo que tinham ouvido para a música. Talvez seja por isso que muitos dos seus descendentes (em primeiro lugar os filhos de João e de Argentino) sabem tocar instrumentos musicais, e nutrem uma grande paixão pela música. Admito que este é o primeiro caso no qual tenho ouvido falar que nossos predecessores eram capazes de dançar.

Na correspondência entre os dois ramos de nossas famílias achou-se um breve aceno a respeito de João. Trata-se de uma carta escrita pela irmã Angelina em 1917, isto é, quando a Europa estava envolta na Grande Guerra. Fazia pouco que haviam chegado na Itália as notícias de que também a América havia entrado em guerra. Angelina, cujo marido partiu para a guerra e há muito tempo não dava mais notícias, escreveu que havia receio de que também ao irmão João e aos cunhados do Brasil caberia a dura sorte de partir para a frente de guerra. Mas por sorte esta desventura foi poupada a todos os parentes do Brasil.

O interessante desse pequeno trecho da carta é notar que para referir-se ao irmão, Angelina escreveu expressamente o seu nome, não em italiano, mas sim em português: "João".



Nome de João Tirloni, assim como foi escrito pela irmã Angelina (carta do ano de 1917)

No terreno contíguo à sua casa, João plantava milho, mandioca, e também melancias. Naquele mesmo terreno, João possuía também o forno para fazer tijolos e telhas, forno este que ainda existia por ocasião do filme feito em 1998.

No entanto, o tio João não soube dizer se este forno havia sido criado diretamente por seu pai, ou se também este era um dos tantos trabalhos criados pelo avô Alessandro que, aliás, ele nunca conheceu pessoalmente, e que havia deixado em herança ao pai João, quando partiu para a Itália em 1909.



Forno de tijolos de João Tirloni na localidade denominada "Colônia". (filmado no ano de 1998)

Além destas terras e do forno, João era também proprietário, conjuntamente com sua irmã Albina, de um empório situado sobre a margem esquerda do rio ribeirão de Porto Franco, situado antes da ponte e do "porto franco", portanto não distante da grande casa na qual naquele tempo habitavam os Genitores.

Este empório era bem menor, se comparado àquele que tinham os seus pais, Alessandro e Elizabetta, - depois passado como herança à irmã mais velha, Joana - e sobre este empório o tio João sabe dizer-nos com certeza que se tratava de um legado feito pelo avô Alessandro para ambos os filhos, no momento da partida para Itália. No filme de 1998, o tio João, nesta sua visita juntamente com os filhos, se encontrou com tio Pedro Maestri, filho da tia Albina, portanto seu primo de primeiro grau, e também ele confirmou esses fatos acima citados.



Zona onde estava localizado o empório de Albina e João Tirloni (fotografia do ano de 2009)

O tio João recorda que seu pai, quando não recebia encomendas de tijolos, se dedicava ao trabalho da terra, mas não estava nada contente de levar aquela vida. É preciso considerar que João tinha oito filhos para manter, e a maior parte desses eram ainda pequenos e, portanto, bem pouco o podiam ajudar no seu trabalho.

O filho mais velho, Salvador, que tinha cerca de 12 anos, mostrou desde logo, uma grande devoção religiosa, e depois de alguns anos de formação junto da casa paroquial de Nova Trento, entrou no seminário dos jesuítas em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O outro filho era Marcial Alexandre que tinha 10 anos, e depois vinha João, que tinha apenas 7 anos. João, mesmo que pudesse valer-se de alguma ajuda dos dois filhos, devia fazer tudo praticamente sozinho, e não dispunha, em casa, de muita força de trabalho sobre a qual pudesse basear-se. Portanto, a sua situação econômica não poderia ser muito próspera.

Este fato está associado ao um outro, mais pesado e incisivo. Como já foi dito, João era proprietário, juntamente com a sua irmã Albina, da casa onde ela morava e de um pequeno empório que funcionava nesta mesma casa. A propriedade da casa e do empório era dividida em partes iguais, entre eles, mas aconteceu que os dois irmãos tiveram divergências e não andavam muito de acordo.

Os problemas de relacionamento entre os dois irmãos foram causados sobretudo pelo modo de gerenciar esse empório, e não tanto pelas respectivas cotas. O acordo feito nas origens entre os irmãos rezava que Albina continuaria a morar na casa e se dedicaria em tempo integral para a gestão do empório, enquanto João permaneceria a viver na colônia, dedicando-se ao trabalho no campo e ao forno de tijolos, situado nesse mesmo terreno.

João não se intrometia no modo da gestão direta do empório e dava à irmã Albina a mais absoluta liberdade de decisão. Quanto a isto, era ela que devia pôr-se ao balcão para servir os clientes. Mas a título de pagamento, seja pelo empório, seja pela casa em que Albina mora, ela devia lhe pagar um aluguel igual a 50% das entradas do empório.

Sobretudo João se lamentava sempre que a irmã Albina (comerciante muito esperta, e com os filhos já grandes) não lhe passava a correta parte das entradas do empório, das quais ele tinha direito, e que obviamente aquele pagamento lhe seria uma boa ajuda para manter melhor a sua numerosa família. Mas Albina não estava absolutamente decidida a mudar o seu modo de agir. João chegava mesmo a sustentar que a irmã mentia sobre os reais ganhos do empório, e que mentia também quando ela dizia que o comércio não andava bem. João sustentava que ela lhe pagava muito menos do que a importância que lhe pertencia. A situação, em breve tempo, se tornou muito problemática e piorava com o passar do tempo.

6.5 - A escolha fatal: pioneiro no Garabel

As discussões entre os dois irmãos aconteciam muito frequentemente e os tons eram muito acesos. O tio João admite que, de fato, as únicas vezes que ouviu seu pai gritar foi mesmo quando brigava com a tia Albina.

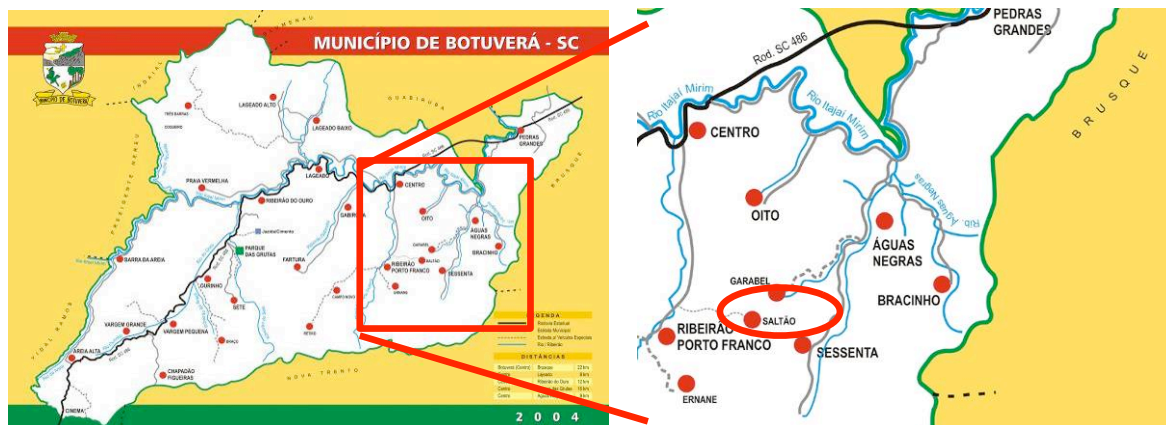
João, como foi dito, não era um tipo a quem agradava enraivecer-se e ficar magoado. Portanto, esta situação não lhe agradava, e não chegou a sustentá-la por longo tempo. Entre os anos 1923 e 1924, por ocasião da enésima briga com a irmã Albina, no cume da exasperação, e exausto de todos esses contínuos litígios que a ele próprio não agradavam em nada, decidiu que era hora de acabar com aquilo de uma vez por todas. Preferiu deixar ali todas as suas propriedades, e ir para outro lugar, antes de permanecer em Porto Franco e continuar a abrigar com a irmã. O tio João ainda recorda o fato comentado pelo seu pai a esse respeito: "Ela tanto fez que conseguiu me tirar tudo"!

Este gesto é altamente significativo no que se refere à personalidade de João. Não era um frio calculista como o pai. Preferiu a serenidade pessoal e familiar, antes do que a comodidade material, e estava disposto a ceder por primeiro, mesmo a custo de perder o que "era seu", antes do que ficar brigando.

Como já havia demonstrado quinze anos antes nos relacionamentos com seu pai Alessandro, quando estavam na Itália, também desta vez João manteve-se firme em suas palavras, e não voltou atrás naquilo que havia dito. Cedeu à irmã, seja a sua cota do empório, como também o terreno da colônia com o forno para os tijolos, e transferiu toda a sua família para uma propriedade comprada do Sr. Baldim (homem que morava em Águas Negras, do outro lado do rio. Este era um homem de baixa estatura que habitava em Águas Negras, à margem do rio) propriedade esta situada no meio do mato do Garabel, um território praticamente inexplorado, ao qual se chegava partindo de Águas Negras.

Na época desses fatos, o tio João era um menino de apenas sete anos, mas pela forma como conta estes fatos ainda nos tempos de hoje, se compreende que deve ter ficado muito impressionado com esta escolha feita pelo seu pai. Tanto é verdade que, com o mesmo semblante de então, passados mais de 85 anos, comenta: "*Deixamos uma vida boa e tranquila, e mesmo que não abundasse o dinheiro, podia fornecer outras vantagens necessárias para a família. Ali habitávamos na vila e frequentávamos a escola. Mas foi jogado tudo pelas costas, e eu e meus irmãos deixamos a escola e nos aventuramos juntamente com os nossos pais em meio ao mato do Garabel*".

O relato do tio João prossegue revelando as emoções que se tornaram para ele, indeléveis, a respeito dessas recordações. E de fato se descobre uma realidade que, para ele, como criança, foi certamente muito triste. Mas analisada com a maturidade da sua idade atual, e à luz de todos os fatos ocorridos, talvez não se sinta à vontade de justificar tudo o que ocorreu. Ele recorda que "*O lugar no qual nós fomos morar, distava aproximadamente 6 km do centro de Porto Franco. Não havia estradas para lá chegar, mas somente uma picada aberta em meio à mata fechada, com colinas para atravessar. Ficamos lá até quando eu tinha treze anos, isolados do mundo e da civilização.*"



Território do município de Botuverá e detalhes do Garabel (Planimetria - ano 2004)

A propriedade no Garabel era um pequeno terreno de 3,2 hectares (4.000 X 800 m), e sobre o plano de uma das colinas havia uma casa construída, vizinha de um riacho formado pela água de vários riachinhos que vinham de minas presentes na zona. Esta casa tinha quatro quartos e uma cozinha, separada um pouco da casa. Ali havia uma serraria movida por uma roda d'água.

João, além dos vários animais, entre eles: cabras necessárias para fornecer o leite para o consumo da família, dispunha de seis bois para formar três pares, que serviam para transportar os troncos das árvores. Tinha um carro de bois e uma carroça com dois cavalos. É exatamente para este lugar, e com esses meios, que João decidiu de se locomover juntamente com sua família. O tio João, comentando os cinco anos de vida transcorridos no mato do Garabel, admite: "*Lá eu passei uma infância cheia de aventuras, com recordações belas e brutas*".



Carro de bois e carroça de cavalos (fotografia de anos recentes)

Vendo a filmagem do ano de 1998, se compreende muito bem como devia ter sido difícil viver naquele lugar. Ainda nos dias de hoje não existem estradas, mas só um caminho de terra, que logo adiante é engolido pela vegetação. O caminho é atravessado por diversos riachos que tornam enlameada da terra, e difícil a subida, que ainda no tempo de hoje se pode fazer somente a pé.

Por certo, nos tempos de João, esse caminho era mais bem cuidado, e ele próprio o teria tornado mais praticável para poder movimentar-se mais agilmente. Mas,

de fato, a família estava verdadeiramente perdida no Mato e absolutamente isolada da civilização. Nos dias de hoje ninguém vive mais naquelas terras, e inevitavelmente tudo caiu no mais total abandono. A natureza rapidamente tomou conta daquele local.



O início da estrada de terra que conduz ao Garabel (fotografia do ano 2010) e caminhos que levam para casa de João (filmado - ano de 1998)

No ano de 1998, o tio João percorreu juntamente com sua mulher e alguns dos seus filhos os caminhos de sua infância. Voltou ao Porto Franco (agora chamada Botuverá), mostrando a seus familiares os lugares nos quais havia nascido, onde cresceu, mas não permaneceu. Não obstante os 82 anos, quis retornar para o Garabel, e percorreu a pé todo o caminho até chegar a rever os restos da casa na qual viveu juntamente com sua mãe, seus irmãos, e por pouco tempo, com seu pai.



Restos da casa de João Tirloni no Garabel (fotografia do ano 1998)

É o próprio tio João que nos explica a motivação que muito provavelmente moveu seu pai a tentar esta nova vida: "*Meu pai quis fazer a mesma coisa que havia feito, anteriormente, o meu avô Alessandro Tirloni. Mas ele não tinha a experiência e nem a capacidade do seu pai... e de fato morreu*".

A reflexão do tio João é, de fato, muito bela e inteligente, e está imbuída da máxima consideração, mesmo porque ele é o único vivo que conheceu pessoalmente seu papai, e portanto, ninguém melhor do que ele pode compreender o que pensava e movia a vontade do seu desventurado pai. A vida na vila não satisfazia João, porque não chegava a se realizar plenamente, conforme as suas expectativas. Ele, que havia ousado rebelar-se contra a vontade paterna, não aceitava ser submisso à sua irmã.

Todos os sucessos e as múltiplas capacidades de seu pai Alessandro eram, para ele, um estímulo ao qual podia agarrar-se, mais do que um obstáculo para superar, para demonstrar também para si mesmo de que estava à altura, ou talvez, até melhor do que seu pai-patrão. Mesmo por isso, entre todas as possibilidades que havia, João escolheu o caminho seguramente mais difícil: lançar-se no meio do mato e percorrer as pegadas do seu pai.

Diferente de seu pai Alessandro, João tinha o conhecimento da natureza e a lembrança do quando havia sido feito pelo seu pai que, junto com o empenho de pioneiro, havia subido com as canoas o Rio Itajaí Mirim, tinha cortado a garganta dos bugres. (Quem sabe quantas vezes João teria ouvido aquelas histórias, e seguramente as conhecia de memória!) Mas a diferença em relação a seu pai é que ele, nesta aventura, estava praticamente sozinho, e além da irrisória ajuda de suas crianças maiores, podia contar apenas com seus braços, e os braços daqueles ajudantes que o acompanhavam em todos os momentos: o Luiz Zanca.

João, juntamente com seu ajudante, cortava as árvores, as transportava até serraria, e depois, uma vez serradas, limpas e reduzidas às dimensões corretas, as leva até Águas Negras, localidade que distava cerca de 6 km do Garabel, para vendê-las. João preferia apoiar-se na vila de Águas Negras, em vez de levá-las a Porto Franco, porque o trajeto era muito mais simples, e este pequeno povoado estava situado mais vizinho da cidade de Brusque. A madeira podia ser transportada mais facilmente com os balseiros pelo rio Itajaí Mirim, do que por estradas, usando o carro de bois, até a cidade de Itajaí.



"Carretão de bois" como apareciam na primeira metade do 900. (fotografia e pinturas)

Nos tempos de hoje, Águas Negras é um distrito da prefeitura de Botuverá, muito bem cuidado, com todas as infraestruturas úteis. Mas naquele tempo, o que o tio João recorda é que *"era só mato, com pequenas estradas de terra, um empório, e*

algumas casas dispersas e distantes entre elas. Havia também uma pequena igreja onde nós nos dirigíamos sempre com os nossos pais, mas que depois foi demolida por causa dos falsos milagres inventados por uma beata que morava naquela vila".



"Carroça" como apareciam na primeira metade do 900 (pintura)

A vida de João agora tornou-se praticamente idêntica àquela que havia feito seu pai Alessandro, cerca de 50 anos antes. Também ele era um pioneiro que procurava viver cavando um pouco de terra para cultivar, cortando o mato, mas em condições ainda piores do que aquelas encontradas pelo seu pai, porque ele vivia praticamente isolado, entre tantas dificuldades e os perigos que o mato levava consigo. Pode-se facilmente pensar que, ao menos agora, João era feliz, porque seria isso, talvez, o que ele sonhava há tantos anos. Certamente era isto o que sonhava quando devia dobrar as costas, subjugado pelo pai-patrão Alessandro, ou quando não podia evitar as discussões com sua irmã Albina, que o levavam a perder o controle dos nervos... Esta era a liberdade que sonhava há muitos anos.

E agora que chegou a realizar o seu sonho, mesmo que vivesse isolado do mundo e em condições desfavoráveis, se sentia plenamente livre. Também a sua Narcisa, mesmo entre as mil dificuldades teria em sua boca os sorrisos por ver o seu amado João contente, e finalmente cheio de entusiasmo. João era, com certeza, também cheio de iniciativas e projetos para o futuro, mas esse clima feliz estava destinado a durar verdadeiramente pouco, porque depois de apenas seis meses que vivia no Garabel, João precisava caminhar ao encontra do seu destino fatal...

Era um dia, como tantos outros, aquele dia da metade de abril. E, no Brasil, o outono estava para começar. Naquela noite havia chovido muito, mas pela manhã tudo se havia iniciado como sempre, e nada deixava pressupor que dali a poucas horas a vida dessa família Tirloni seria mudada para sempre.

Naquele dia fatal, João tinha decidido cortar uma grande árvore de mais de 30 metros e com um diâmetro de cerca de 2 metros. Outras pessoas já tinham procurado cortá-la sem o conseguir. Saído de casa, saudou a mulher e os filhos, recolheu todos os instrumentos que seriam úteis, levou os bois que serviriam para transportar a arvo-

re cortada até a serraria, e se encaminhou para a floresta. Junto com ele estava, como sempre, o seu fiel ajudante, Luiz Zanca. Mas também foram com ele dois dos seus filhos maiores: Luíza, com nove anos e João, que tinha quase 8.

Depois de algumas horas de fadiga, João e seu ajudante chegaram a cortar a base da árvore para fazê-la cair. A árvore porém era de tal modo alta que, caindo, se estendeu sobre dois vertentes da colina, criando como "uma ponte", a uma altura de 6 metros do chão, o que tornava ainda mais difícil as normais operações de corte. João decidiu cortar a árvore ao meio para dividi-la em dois troncos, para fazê-la cair ao solo, e depois pudesse ser desbastada de todos os galhos e transportada até a serraria.

Esta operação de corte não seria nada fácil. Seria, sim, de alto risco. João precisava subir sobre a grande árvore abatida, iniciar o corte, mas abandoná-la velozmente, saltando sobre uma outra árvore vizinha, para evitar de ele próprio cair por terra, uma vez que a árvore, dividida em duas, perdia o apoio e iria cair ao chão. A árvore sobre a qual deveria se segurar foi escolhida com particular cuidado, para evitar que também ela fosse lançada por terra, derrubada pela grande árvore durante a sua queda.

João, depois de ter estudado atentamente a situação, escolheu uma planta de palmito que se encontrava vizinha à grande árvore. Ali ele se seguraria (talvez mesmo amarrando-se com algumas cordas). Iniciou a cortar em duas a grande árvore, pronto para saltar sobre o palmito, apenas a grande árvore estivesse para cair.

Também esta operação de corte da grande árvore em duas era uma operação longa e cansativa, exigia muito tempo e muita força. Os momentos de esforço e de estresse extremo fizeram depressa cessar a atenção, e com isso a possibilidade de risco crescia sempre mais. Mas mesmo assim, rapidamente chegou a relaxar, para concentrar-se sobre os esforços que precisava fazer. Chegou-se assim aos últimos momentos do corte. A grande árvore iniciou a dar sinais de que estava cedendo, iniciando a inclinar-se. João, muito cansado, devia aplicar os últimos golpes para abatê-la, e a adrenalina que havia em seu corpo o sustentava. Eram momentos muito tensos, e a atenção de todos, a este ponto, chegava aos níveis máximos, porque todos estavam bem conscientes de que aquele era o momento mais perigoso.

João sentiu a árvore balançar debaixo de seus pés, e este era o sinal que esperava, mas estava pronto para saltar sobre o palmito, enquanto em terra todos prestavam atenção, observando tudo o que estava acontecendo. A grande árvore cedeu, caindo por terra, arrastando consigo também outras árvores. O barulho ensurdecido da árvore que se quebrava, cobriu por poucos segundos todo o ambiente circunstante, mas a cena que se via diante dos olhos de todos era deveras de congelar. João saltou sobre o palmito, mas infelizmente esta pequena árvore lisa por natureza, e ainda mais ensopada pela água da chuva noturna, tornou-se ainda mais lisa. O pobre João perdeu o apoio, deslizou e caiu por terra, juntamente com todas as outras árvores, permanecendo com um pé esmagado debaixo de uma árvore, que também havia caído.

Quando aqueles intermináveis segundos passaram e o fragor do estrondo deixou lugar ao medo, na floresta ressoou um alto grito de desespero. Luiz e as crianças saíram em socorro, e espantadíssimos correram na direção do grande monte árvores caídas. João estava incrivelmente ainda vivo, mas o seu pé (não se sabe com precisão

qual dos dois), estava preso debaixo de uma árvore, e o corte lhe provocava uma dor lancinante. O tio João recorda que seu pai "*gritava como um doido, de tanta dor*".

O ajudante de João, Luiz Zeca, compreendeu logo que não havia modo de liberar de imediato o pé de João daquela ameaça mortal. O único modo de liberá-lo seria cortar todos os ramos que o mantinham preso. Súbito, pegou o machado e iniciou a tarefa numa luta contra o tempo. Luiz empenhava toda sua força para salvar o seu patrão, mas para cortar tantos galhos tão grossos era preciso muito tempo. Só depois de mais de duas horas é que João foi liberado da árvore que o havia prendido, causando-lhe um grande corte. As dificuldades, porém, não haviam ainda terminado porque João, naquelas condições, não podia caminhar.

Luiz não perdeu o ânimo. Mesmo estando tomado pela fadiga, colocou João sobre as suas costas, e desta forma o transportou pelo meio do mato até a casa, por bem um quilômetro, debaixo dos olhos aterrorizados dos pequenos Luíza e João.

Em casa, a cena que Narcisa deve ter visto devia ter sido muito pior do que se possa imaginar. Naquela manhã tinha saudado o marido como todos os dias. E como faz cada mãe, tinha aconselhado os filhos, dizendo-lhes de estarem atentos para não se fazerem mal, e de não desobedecerem ao pai. Agora, ao invés, estava para começar para ela uma prova difícilíssima, que iria durar a por mais de quarenta anos.

Fazia pouco tempo que Narcisa tinha se restabelecido de sua última gravidez, levada a termo poucos meses antes. Ela já não era uma jovencinha para enfrentar os problemas ligados ao aleitamento e aos cuidados de uma criança. Certamente tinha tido pouquíssimo tempo para repousar e retomar as forças depois do parto. Mesmo que as suas noites tivessem sido interrompidas pelo choro de sua menininha, ajudada pelas filhas maiores, estava retomando a vida de todos os dias, na difícil e pesada realidade pioneirística do Garabel.

Enquanto estava empenhada nos trabalhos domésticos, ou talvez enquanto estava tomando os cuidados da recém-nascida Maria que ainda estava nas faixas, Narcisa começou a ouvir vozes conhecidas saírem da mata fechada. Reconheceu de imediato as vozes das suas crianças, mas de imediato percebeu que as vozes não eram o típico tagarelar que já em outras vezes ouvira quando à tarde os homens retornavam do trabalho e anunciavam a sua chegada. Provavelmente Narcisa saiu de casa e iniciou a olhar na direção do mato, mas não chegou a ver nada. Continuou a ouvir as vozes que vinham do mato. Eram gritos de pedido de socorro... Escuta também gritos de dor... Compreende que aconteceu alguma desgraça... Mais o que?

Não sabemos se Narcisa reconheceu primeiro os gritos de dor do marido ou o pedido de socorro dos filhos que a alarmaram dizendo que o que pai tinha tido um acidente. Mas quando os quatro que tinham partido pela manhã saíram do mato fechado, Narcisa viu as suas crianças com os rostos desfigurados pelo medo, e depois viu o ajudante Luiz, que tomado pelo cansaço e com as costas arquejadas, carregava aos ombros uma pessoa que urrava de dor. Naquele rosto desfigurado pela grande dor, e meio escondido pelo corpo de Luiz que o estava transportando, Narcisa reconheceu o seu João.

Podemos imaginar o que sentiu Narcisa naquele momento... Depois de um instante de hesitação, na qual a sua vontade teria cedido ao desespero, teria corrido ao

encontro do marido, teria ajudado Luiz a levá-lo para dentro da casa e colocá-lo sobre o leito. Então teria reunido as poucas coisas que havia para procurar medicar as feridas do marido, e depois teria decidido sobre o que fazer. Decidiu de não levar João para um hospital (que se encontrava em Azambuja, um bairro de Brusque) porque pensava que João podia ser medicado e curado em casa. Provavelmente também o próprio João, não obstante todo o mal que continuava a sentir, ter-se-ia oposto de ser transportado até o hospital. Nos dias de hoje, o caminho que separa Garabel de Azambuja não é muito longo, mas no momento em que ocorreu o acidente, num tempo em que não havia automóveis, percorrer aquela distância com carroça, não era coisa de pouco tempo, e nas condições em que se encontra, desgastado com a dor que não dava tréguas, João com certeza não sentiu vontade de enfrentar também uma longa viagem.

Alguém foi logo chamar, não propriamente um médico (que naquela época eram ainda muito raros), mas ao menos alguém que pudesse tratá-lo mais eficazmente do que um simples benzedor. De fato, nos dias seguintes, João foi tratado pelo Sr. Minguante que fazia medicações, mas infelizmente a situação clínica não melhorava, e João enfrentava um autêntico calvário. As carnes cortadas deixavam descobertos os nervos, e o tratamento que estava sendo feito não estava servindo para nada. A ferida bem depressa se infeccionou, e o pé de João começou a entrar em gangrena, fazendo-o sofrer ainda muito mais.

Na época não existiam antibióticos para combater as infecções e não existiam nem sequer anestésicos para aliviar aqueles atrozes sofrimentos. O tio João recorda ainda muito bem os dias de calvário do seu pai. Conta que com o progredir da gangrena, as dores eram cada vez mais fortes, e seu pai gritava e chorava dia e noite, contorcendo-se sempre mais por causa dos espasmos, mas assim fazendo, piorava ainda mais a sua situação porque a ferida se abria e o fazia sofrer ainda muito mais. Conta ainda o tio João que para evitar que seu pai se fizesse ainda mais mal, chegou-se ao ponto de amará-lo ao leito.

A notícia do acidente de João e das desesperadas condições nas quais se encontrava se espalharam velozmente e chegaram bem depressa a Porto Franco e a Nova Trento, onde morava a irmã Rosa e todos parentes de Narcisa. Mas, dado que João vivia em meio ao mato, em um lugar por certo não fácil de se chegar, não foram muitos os que acorreram à sua casa para fazer visitas a ele e à sua mulher, nestes intermináveis dias.

De todos os parentes de João, o único que o velho tio João recorda ter vindo a visitá-lo foi o tio João Morelli, marido de Joana Tirloni, que aliás foi testemunha de casamento de João e Narcisa. João Morelli dirigiu-se até a casa dos cunhados, levando conforto para a família, procurando dar-lhes também um fio de esperança. De fato, procurou dizer às crianças que o pai iria depressa melhor. Mas ninguém poderia saber que a ferida gangrenada tinha feito João contrair também o tétano. Portanto, a sua sorte já estava definitivamente assinalada. Tanto é verdade que no dia seguinte, **17 de abril de 1924**, João entrou em agonia, e às quatro horas da tarde, com apenas 38 anos de idade, deixava para sempre de sofrer.

O velho tio João recorda que o cadáver de seu pai, depois de ter sido preparado para a sepultura, foi colocado sobre a carroça para ser transportado até o cemitério de Porto Franco, e ele ficou ali petrificado, com as mãos unidas, na varanda da casa, a acompanhar com o olhar a carroça que partia, consolado por um ancião, amigo de família, chamado velho Bernardo. Esta é a imagem que, passados 87 anos, ainda tem bem gravado na memória: "A carroça desaparecendo no meio do mato..."

Na parte velha do cemitério de Botuverá, ainda hoje se encontra o lugar onde foi suportado João. É uma tumba de família, na qual muitos anos depois foram sepultados alguns sobrinhos Colombi, e por último também a irmã Albina, junto com o marido José Maestri, aquela mesma irmã com a qual tinha tido os poucos momentos de ira da sua breve vida.

Quando estes últimos foram sepultados, foi retirada a lápide que originariamente estava posta sobre a tumba de João, e por isso não sabemos se ao menos sobre sua lápide o seu nome tinha sido registrado fielmente, em italiano, assim como foi batizado: "Giovanni Tirloni".

Na época do sepultamento de Albina e José Maestri, ambos ocorridos em 1968, foi colocada uma lápide que durará por muitos anos. Sobre essa lápide, não apenas o seu nome, mas também o seu sobrenome, bem como o da irmã Albina, foram naturalizados para o português. O dele foi escrito assim: "João Tirlom". Mas para dizer a verdade, pairam dúvidas sobre o fato de que essa transcrição do nosso sobrenome Tirloni tenha sido feita levando em conta a naturalização, porque sobre a mesma lápide, o sobrenome do cunhado José Maestri, que melhor se prestaria para uma tradução literal, em vez, está escrito corretamente.



Velha lápide de João Tirloni e dos cônjuges Albina e José Maestri, no cemitério de Botuverá (fotografia do ano de 1998).

No momento de minha visita ao Brasil, esta tumba estava em fase de reformas, e sobre a simples lápide foi indicado como data da morte de João o dia 17 de abril de 1927, isto é, três anos depois de ter acontecido realmente. Esta data é obviamente errada, mas ao menos o sobrenome está assinalado de maneira correta.



Lápide atual de João Tirloni e dos cônjuges Albina e José Maestri, no cemitério de Botuverá (fotografia ano 2009)

As pesquisas realizadas pelos vários descendentes de João para obter a dupla cidadania italiana levaram à descoberta, também, da sua certidão de morte. Lendo este documento se encontra uma outra discrepância no que se refere ao mês no qual João foi sepultado. O documento oficial registra ter ocorrido no dia 21 de junho de 1924, portanto cerca de três meses depois.

Não é muito fácil de estabelecer qual das duas datas seja a mais verdadeira, porque sobre as lápides, tanto a velha como a nova, está escrito 17 de abril. Como prova disso existe também a recordação do tio Durval Luiz Maestri, que diz: "*Eu nasci exatamente no dia em que morreu o tio João Tirloni*", isto é, 17 de abril de 1924. Um outro fato que me faz considerar como errada a data de 21 de junho é que esse dia é o dia de aniversário do velho tio João. Parece-me estranho que o tio não recorde que o seu pai tenha morrido de uma forma tão horrível, exatamente no dia do seu aniversário.

A única prova a favor da data citada na certidão é o fato de que a declaração de morte foi oficializada no dia 8 de julho, isto é, depois de apenas duas semanas após o sepultamento, portanto com um bom tempo. Se, ao invés, fosse verdadeira data de 17 de abril, significaria que por bem três meses ninguém teve o cuidado de oficializar o sepultamento do falecido João, e a coisa pareceria de fato insensata...

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE SANTA CATARINA
MUNICÍPIO E COMARCA DE BRUSQUE
Ofício do Registro Civil das Pessoas Naturais
Maria Eugenia Schaefer Wichern
Oficial

Bel. Ana Cristina Wichern Schmachtenberg
Oficial Substituta

Alexandra Wichern Rosa
Escrevente Autorizada

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que, sob N° 88 às folhas 094vdo Livro N° 9
de Registro de Óbito, encontra-se o assento de:
" JOAO TIRLONI "
Falecido em(no) em sua residencia, em Brusque/SC
aos vinte e um (21) de junho de 1924 às 16:00 horas
do sexo: Masculino, Profissão: lavrador
Natural: Brasileiro-
Residente: nao consta-
com: 38 Anos , Estado Civil: Casado
Filho de: nao consta
Natural de: xxxxx
e de: nao consta
Natural de: xxxxx
Declarante: Tranquillo Pedrini, inspetor de quarteirao

exibiu atestado de Óbito firmado pelo médico:

Causa Morte: Envenenamento do sangue

O Sepultamento: nao consta
O Assento foi feito no dia: oito (08) de julho de 1924
Observações :
Era casado com Narcisa Tirloni, deixando 8 filhos menores.

Certificado de morte de João Tirloni (fotocópia ano 2005)

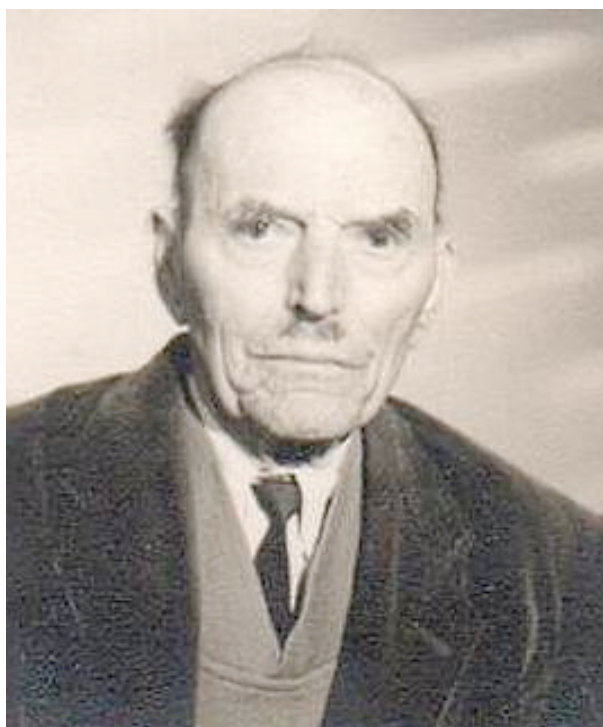
João morreu em tenra idade, e mesmo no momento no qual a sua família mais precisava de sua presença. O seu tão acalentado sonho de sucesso lhe foi depressa fatal, deixando em dificuldades as pessoas mais queridas: sua mulher e os seus oito filhos, uma das quais havia nascido a poucos meses. Quem sabe se nesses momentos os seus familiares em face ao mais triste desconforto e à mais inconsolável desesperança maldisseram a escolha de vender tudo o que tinha em Porto Franco e vir morar no Garabel.

Não sabemos como, de frente a uma situação tão grave, e sobretudo com o contínuo piorar de suas condições, ninguém pensou em levar João para um hospital, ou então amputar a perna para procurar, ao menos, parar a gangrena que avançava, agravando sempre mais as suas condições. O tétano não, por certo, não podia ser facilmente diagnosticado, mas uma gangrena era uma coisa que, naquele tempo, se era muito mais acostumado a ver. No entanto, ninguém pensou nisso.

Provavelmente a necessidade de uma amputação era notória e evidente a todos, mas talvez nos primeiros momentos se esperava que João se restabelecesse, e obvia-

mente se fossem consideradas as suas condições de vida, para ele, uma amputação, teria sido um problema gravíssimo. Praticamente teria se tornado incapaz de fazer o seu trabalho que estava ainda em uma fase inicial. Provavelmente, portanto, no início, o próprio João se teria declarado francamente contrário a uma solução assim drástica. Quando suas condições ficaram dramaticamente piores, todos, inclusive ele, compreenderam que nada, a não ser um milagre, o poderia salvar da morte.

É preciso também pensar que naquele tempo não havia muita fé na medicina e nos hospitais. Tanto é verdade que deveria estar bem presente em todos, a lembrança da irmã de João, a Francisca Tirloni Pesenti, que na Itália tinha sofrido por anos seguidos, girando de um hospital para outro, sem resolver nada, mesmo quando não lhe foram poupadas as despesas com os tratamentos. Ela veio a faltar quatro anos antes, com apenas 26 anos.



Francesca Tirloni ed Agostino Pesenti (fotografia – anni '10 ed anni '50)

João morre por culpa de uma desgraça, um acidente de trabalho, como teria acontecido antes ou depois dele também com outras pessoas que, para viver, haviam escolhido uma igual profissão. As causas que o levaram a um semelhante acidente são difíceis de encontrar. É difícil se dizer que se seu pai Alessandro ou algum outro, com mais experiência, tivesse estado em seu lugar, que talvez aquela tragédia não teria acontecido.

O tio João diz que o seu pai errou por inexperiência. Eu, pessoalmente, com o mais absoluto respeito, discordo um pouco desse juízo, e prefiro reabilitar um pouco a figura deste nosso parente, porque João havia vivido em contato com o mato e as serrarias, praticamente desde o seu nascimento. Pessoalmente prefiro dizer que para João faltou sorte, e não, por certo, o valor ou a experiência.



João Tirloni (fotografia do ano 10)

6. 7. A longa viuvez de Narcisa

Quando ficou viúva, Narcisa tinha apenas completado 39 anos, (Havia de fato nascido apenas há alguns meses antes do marido) dos quais, quase quinze transcorridos junto do marido. Fazia pouco que se havia restabelecido da última gravidez, e se encontrava agora no dever de, sozinha, providenciar tudo para os seus filhos. Esta era

uma situação já complicada para qualquer um, mas sobretudo para ela que vivia uma vida de pioneira, isolada no mato, e que tinha os filhos ainda pequenos:

- Salvador, que apenas havia completado treze anos, era noviço no seminário da cidade de São Leopoldo, e provavelmente não chegou a voltar para casa a tempo de estar presente à cabeceira do pai que morria.
- Marcial Alexandre, o maior dos filhos que estavam em casa, tinha apenas onze anos, e seguramente já há algum tempo ajudava o pai nos seus trabalhos.
- Luíza, a maior das filhas, tinha nove anos, e também ela desde algum tempo ajudava a mãe nas coisas da casa, mas ajudava como podia também o pai, que conforme vimos, ela andava junto com o irmão João a conduzir os bois que iriam transportar a madeira até a serraria.
- João estava para completar oito anos, e mesmo que ainda fosse pequeno, também ele já seguia o pai, no mato, para ajudar como podia nos pequenos trabalhos.
- Madalena tinha cerca de seis anos, e estava na idade na qual começava a estar junto da irmã mais velha Luíza, dando também ela a sua modesta e simples ajuda.

Os outros três filhos estavam ainda numa idade infantil: Palmo tinha completado quatro anos no dia sucessivo ao do sepultamento do pai. Argentino tinha dois anos e meio, e a pequena Maria estava ainda nas faixas. São muito pequenos para dar, mesmo que fosse o mínimo contributo, numa situação tão difícil como aquela na qual agora se encontrava a família Tirloni.

Recordando esses primeiros momentos sem a presença do pai, o velho tio João comentou: "*A perda do meu pai foi a maior tragédia de toda a família!*" Seu pai João se ocupava de tudo, desde o trabalho manual até a gestão do comércio e o controle das despesas. O tio João prossegue o seu relato dizendo que, ao contrário do seu pai, a mãe Narcisa era uma muito boa dona de casa, mas era absolutamente privada de qualquer capacidade de iniciativa comercial. Não era esperta para negociar aquilo que tinha, e pouco a pouco, chegou a perder tudo aquilo que possuía (os bois, o caro e outras coisas), vendendo tudo para angariar algum dinheiro.

Infelizmente, em uma situação como a de Narcisa, ela "era a pessoa errada, no momento errado"... Ela era sempre bem esperta no seu lugar de mulher e mãe de família para dirigir a casa e servir o marido e os filhos de uma forma excepcional. O seu reino foram sempre as paredes domésticas e a tranquila rotina do lar. Não tinha capacidade comercial, e não tinha nunca se ocupado com os negócios, tanto é verdade que tinha sempre deixado o marido fazer tudo, e nunca tinha entrado no mérito de suas decisões.

Provavelmente não tinha sido uma entusiasta para a mudança para o Garabel, também porque seria uma vida muito mais arriscada e perigosa. Mas ela ficaria como dona de casa, e a sua missão seria, portanto, de ocupar-se daquela casa em meio ao mato, e dos poucos animais que possuíam. E agora, improvisamente, a situação estava totalmente mudada. Ela se encontrava em uma realidade para a qual não estava preparada. Deveria tomar decisões, deveria pensar como fazer chegar em casa o dinheiro necessário para viver, e mais do que isso, deveria fazer tudo isso em um lugar absolutamente selvagem, no qual tudo era ainda para se começar. Era uma pioneira

defronte de acontecimentos muito maiores do que ela, completamente só, com sete filhos pequenos. De fato, isto era muito para uma mulher como ela!

Quem sabe o que teria pensado nesses momentos a pobre Narcisa. Quem sabe se, talvez, sentindo-se no mais difícil desconforto, teria amaldiçoado a escolha do marido de vir para o Garabel... Provavelmente, nestes momentos de desencorajamento, e exaurida defronte de todos os problemas que deveria enfrentar, teria visto a cunhada Albina como a única responsável pela morte do marido e da tragédia, na qual se encontrava agora, ela e os filhos... Não sabemos como andaram os acontecimentos. Mas analisando a situação, chega-se quase que inevitavelmente a uma conclusão de que não se pode objetivamente jogar a culpa na pobre Narcisa, que certamente, em uma situação como esta, poderia ter-se tornado uma presa fácil de esgotamento e de depressão.

Além destas enormes dificuldades econômicas que começaram a pesar sobre os pobres ombros de Narcisa, era preciso também considerar que essa mãe solitária era, também, uma mulher que apenas havia sido atingida deste modo tão brutal, e ainda em idade jovem, havia sido privada do homem que tanto amava, e que tanto havia feito por ela. Este acontecimento, esta perda, a atinge de uma maneira indelével, e levará para sempre, bem visível, sobre ela, a dor da viuvez. Não se casou nunca mais, e conservou para toda sua vida, uma ligação autêntica em memória do falecido e amadíssimo marido, a quem sobreviveria por bem 42 anos.

Narcisa não se envergonhava nunca de admitir o quanto lhe fazia falta o marido, e sobretudo a nível afetivo, não fez nunca nada para esconder a sua saudade pelos belos momentos de vida transcorridos ao seu lado. De fato, a tia Francisca, uma das noras de Narcisa, conta que *“a minha sogra sempre contava como o João tinha sido bom para ela, e da saudade que ela sentia”*.

Ainda pela voz da tia Francisca chegou um relato que bem nos ajuda a enquadrar os sentimentos mais íntimos e as ligações profundas provadas por Narcisa. Conta ainda a tia: *“A minha sogra ficou com a “pipa” (o pequeno cachimbo) de João, e toda vez que ela pegava o cachimbo e dava algumas baforadas, sem tragar, era como se estivesse junto dele. Usou o cachimbo até aos 81 anos, quando faleceu”*.

Por certo, se não chegou a sucumbir defronte a todas estas desventuras, foi mérito de sua grande fé, e também daquele pequeno cachimbo que, por poucos minutos todos os dias, a reaproximava do seu querido marido, e lhe fazia encontrar um pouco de conforto.

6.7.1 A difícil sobrevivência no Garabel

Compreende-se facilmente que de todos os seus oito filhos, Narcisa podia contar somente com o segundo, Marcial Alexandre, que tinha somente onze anos, para os trabalhos pesados e difíceis, que eram o dia a dia da vida no Garabel. Não podia dar conta sozinha, e só podia contar com a mão de obra de Luiz Zanca, o fiel ajudante que havia seguido o defunto marido na aventura do Garabel, e que de todos os modos se tinha esforçado para tentar salvar-lhe a vida. Agora todos os filhos são indispensáveis e todos devem “crescer depressa” para ajudar a sua mãe.

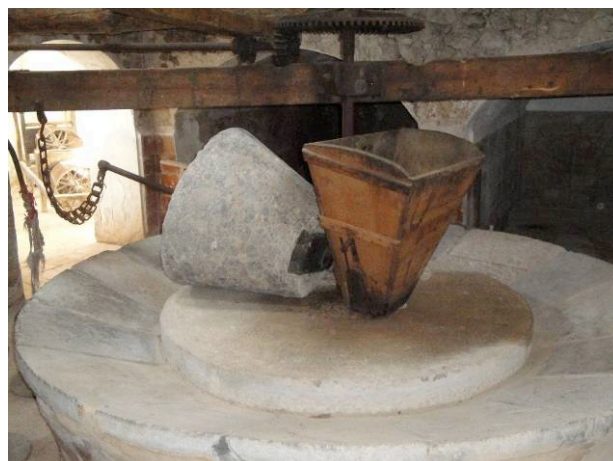
Obviamente, Marcial, Luíza e João são aqueles que têm a parte pior, porque eles são aqueles que, mais do que os outros, passam da situação de simples ajudantes, para a situação de primeira força de trabalho para a manutenção da família.

Escutando os relatos do velho tio João, sabe-se que Narcisa, não podendo certamente colocar-se como a primeira pessoa nos trabalhos pesados, era obrigada a deixar fazer aos dois filhos maiores, e desde então, Marcial e João se prenderam aos cuidados da serraria e do cultivo do milho, da mandioca, da cana-de-açúcar, das bananas, do feijão e outros cereais, enquanto a mãe Narcisa permanecia ligada aos trabalhos domésticos. Ela, junto com as filhas, se prendia a cuidar do alimento, da casa e dos animais: as galinhas, os porcos e os cabritos. Além disso, costurava as roupas da família, se ocupava em tirar o leite, produzir o queijo, preparar o pão, e preparar também o melado feito da cana-de-açúcar.

O relatos que o velho tio João nos transmitiu relativos a estes anos de permanência no Garabel, sucessivos à morte do seu pai, falam muitas vezes sobre as pessoas que forneceram uma ajuda material à família Tirloni, nestes momentos de verdadeiras dificuldades. Obviamente, as primeiras pessoas às quais se dirigiam eram mesmo todos aqueles que viviam mais vizinhos.

Além de todos os problemas que a família Tirloni tinha que enfrentar, tudo era aumentado pelo isolamento ao qual estavam relegados. De vez em quando acontecia alguma coisa, e era preciso pedir ajuda a alguém. Não bastava sair de casa, ou então colocar-se gritar para chamar a atenção, porque em torno desta casa de madeira, onde vivem, não havia ninguém, e ninguém podia ouvir os eventuais gritos. Era preciso pôr-se a correr ao longo de um caminho no meio aos perigos do mato, pois ali não se viam quaisquer sinais de civilização, e não se ouviam vozes humanas. Como se não bastassem todas as desgraças, era preciso também correr até perder o fôlego, e esperar que se pudesse fazer a tempo...

A casa mais próxima daquela da família Tirloni era a casa do Zeca Honório, que vivia ao longo do caminho que levava para Águas Negras. Ele era certamente a primeira pessoa com a qual a pobre Narcisa e seus filhos podiam contar, em caso de perigo ou extrema necessidade. Os jovens irmãos Marcial e João percorriam estes caminhos, de vez em quando, ao se dirigem ao moinho (tafona) para fazer moer o milho. Preferiam dirigir-se ao moinho de Águas Negras porque a distância até Porto Franco era aproximadamente a mesma. O caminho que conduzia a Águas Negras era muito mais rápido, porque havia menos colinas para enfrentar, e o mato era menos fechado.



O velho moinho, também chamado de tafona (fotografia da época atual)

Ao longo do caminho que levava para Porto Franco, os vizinhos mais próximos à casa dos Tirloni eram a família Costa e a família Cestari, que viviam numa pequena vila chamada Sessenta.



Vila chama Sessenta (filmado no ano de 1998)

O velho tio João confirma que a família Costa (composta do chefe de família Luiz, a mulher dona Menega e três filhos: Leo, Ernesto e Zulmira) foi a que mais do que todos, foi tocada no coração, diante da desventura da família Tirloni, oferecendo-lhes roupas e todo gênero de ajuda. Tanto é verdade que os nomes de Leo e de Ernesto Costa aparecem em muitos dos relatos que ainda hoje o tio João gosta de fazer, para entreter quantos o escutam, mas também para lembrar que nunca se deve desanimar defronte das dificuldades.

Depois da morte do pai João, às vezes queriam comer carne, e então os jovens irmãos Tirloni iam à caça de passarinhos, como, por exemplo, o macuco, armados de pistolas, ou talvez também levando arcos e flechas. Mas nas suas investidas de caça eram ajudados por dois cães que haviam adestrado para serem cães de caça, dos

quais muitas vezes o tio João fala no seus relatos. Eram uma cadela de nome Tiba e um macho de nome Branco.



Macuco e a armadilha (fotografia da época atual)

Esses cães tinham se tornado uma ajuda deveras indispensável para os jovens irmãos Tirloni. Os levavam sempre consigo durante as calçadas na mata fechada, seja para farejar, descobrir e seguir eventuais presas, seja para ajudá-los em caso de desagradáveis encontros com serpentes ou outros animais perigosos. Um dia, durante uma caçada, esses cães desapareceram, e os próprios irmãos Costa ajudaram o João na procura, encontrando-os sãos e salvos.

Carro 6.6.2. – A herança da Itália e os últimos anos no Garabel

Cerca de um ano depois do horrível acidente que custou a vida ao pobre João, mesmo enquanto a jovem viúva Tirloni e os seus pequenos filhos estavam à míngua,

procurando reagiu e tomar providencias de organização de seus trabalhos, a má sorte tinha decidido de lançar-se novamente contra esta família, já duramente provada pela grande desgraça da perda do chefe da mesma.

Na segunda metade de 1925, chegava da Itália a notícia do falecimento do avô Alessandro Tirloni, e junto com essa notícia, a família veio a saber também que os irmãos italianos do falecido João se haviam disposto a enviar para o Brasil as cotas de herança destinados a cada um dos irmãos brasileiros.



Alessandro Tirloni (fotografia – anno 1912)

Por causa da grande crise econômica acontecida na Itália nos primeiros anos de 1920, e por causa da política de deflação (conhecida com o nome de cota 90) determinada pela então ditadura italiana de Benito Mussolini, a fortuna econômica do patriarca Alessandro, nos últimos cinco anos, tinha sido reduzida muitíssimo. Por meio dos relatos referidos pelo velho tio João Tirloni, bem como pelas palavras do seu primo, Durval Luiz Maestri, filho de Albina Tirloni, que ainda recordam o fato das cotas que eram esperadas por cada família, chegamos a saber que o patrimônio do nono Alessandro Tirloni tinha passado de 275.000 liras do ano de 1920, à cifra final de 75.000 liras. O velho patriarca tinha perdido 73% do seu patrimônio. Um perda abissal!

Sobre a base desta liquidez, os irmãos italianos tinham estabelecido as novas cotas com as quais iria ser dividida a herança, ou seja, 10.000 liras para cada filho homem, e 5.000 liras para cada filha. Narcisa, enquanto viúva de João, esperava, portanto, receber 10.000 liras. Essa importância por certo, é difícil de ser atualizada em Reais. Na época, era de fato uma soma significativa que lhe ajudaria nas dificuldades deste tempo tão difícil, e lhe teria permitido enfrentar esta grande prova com o aumento de um pouco de tranquilidade econômica. Mas todavia, este dinheiro, para Narcisa não haveria de chegar nunca.

Depois da notícia da morte do sogro, na Itália, e da expedição para o Brasil das cotas de herança, Narcisa começou a esperar de ser convocada, ou que, talvez, lhe viesse a ser dada a notícia de que o dinheiro havia chegado. Obviamente, não era uma coisa que pudesse chegar em pouco tempo. Seria preciso esperar os longos tempos técnicos de então. Mas o tempo continuou a passar, e para a família Tirloni não chegou nenhuma comunicação.

Narcisa começou a preocupar-se e a temer que teria acontecido alguma coisa. Depois de uma longa e vã espera que durou vários meses, Narcisa se decidiu procurar os cunhados de Porto Franco para ouvir se também com eles teria acontecido o mesmo. Do contrário, iria pedir a sua ajuda para recuperar o dinheiro que lhe pertencia.

O tio João recorda ainda muito bem que, numa manhã, enquanto viviam no Garabel, ele e sua mãe Narcisa partiram muito cedo de casa, e depois de terem percorrido mais de 12 quilômetros voltaram para a casa de mãos vazias, e com a tristeza no coração, por aquilo que havia acontecido. Percorrendo o difícil caminho que conduzia a Porto Franco para ir falar com a tia Joana Tirloni Morelli, a irmã mais velha e, portanto, a matriarca indiscutível de todos os Tirloni, dirigiram-se para o seu empório. Foram recebidos pelo seu marido, o tio João Morelli (o único de todos os parentes que havia feito a visita ao moribundo João Tirloni), o qual confirmou que as três tias, Joana, Albina e Rosa tinham recebido a sua parte de herança, mas que ele não tinha ideia do por que Narcisa não tinha recebido a sua cota. Depois de ter dito isto, o tio João Morelli virou as costas para eles, foi para a cozinha que ficava contígua ao empório, e não voltou mais. Este comportamento inexplicável do cunhado, um homem bem visto de todos, entre os mais importantes e respeitáveis de Porto Franco, que então já tinha superado a soleira dos 50 anos, portanto não mais suscetível à volubilidade juvenil, deve ter deixado petrificada a pobre Narcisa!

Desiludida do pouco caso, para dizer melhor, do autêntico desprezo com o qual foi tratada, Narcisa decidiu escrever aos cunhados da Itália, na esperança de que, ao menos eles, a ajudassem a compreender o que havia acontecido, e se interessassem diante de seu respeitoso pedido de ajuda. Escreveu três vezes, mas da Itália não chegou nunca nenhuma resposta.

O velho tio João recorda ainda muito bem esses momentos, e é graças a esta recordação que hoje chegamos a saber que Narcisa sabia escrever.

Sobretudo o tio João recorda a imagem de sua mãe sentada à mesa, enquanto escrevia as três cartas aos parentes italianos, dos quais ele sempre tinha ouvido falar, mas que não tinha jamais conhecido. Recorda ainda também a voz de sua mãe, que enquanto escrevia os endereços aos quais eram expedidas as cartas, dizia: "Província de Bérgamo - Romano per Covo - Itália"

Cada uma destas cartas foram levadas a pé até Porto Franco e entregues ao serviço postal. Sempre de acordo com as recordações do tio João, naquele tempo não havia ainda o atual nome português de "correio", mas vinha identificado com termos como: "Coletoria ou Telégrafo"

É de fato muito interessante essa recordação, porque nos ajuda a perceber como eram indicados, naquele tempo, os endereços postais, levando em consideração a distância que separava o Brasil da Itália. Se nos dias de hoje, uma carta fosse expedida com um endereço indicado desse modo, certamente não chegaria à destinação. Mas é de crer que naqueles tempos era o suficiente para indicar uma destinação exata. Admito, porém, que uma coisa me deixa um pouco perplexo. É a dúvida de que essas três cartas não tivessem chegado à destinação. Essa dúvida permanece...

Estas cartas não chegaram até os nossos dias, e portanto não sabemos em qual espaço de tempo tenham sido escritas. Certamente foram enviadas em um período de tempo bastante longo, pois era preciso considerar que uma carta demorava ao menos um mês para chegar na Itália, e portanto, desde quando se despedia uma missiva, era preciso esperar ao menos dois meses para receber uma resposta.

Podemos imaginar facilmente a ânsia da pobre Narcisa, de novo sozinha e impotente defronte de uma desventura muito maior do que ela.

À primeira carta não chegou uma resposta, e Narcisa escreveu uma segunda. Passaram outros meses de espera, mas ainda nada. E eis que Narcisa se assentou de novo à mesa e escreveu uma terceira carta, mas também neste caso os meses passaram em absoluto silêncio... Depois de passado quase um ano a esperar, Narcisa ficou desanimada, e as suas poucas esperanças bem como as suas defesas emotivas cederam, e ela se abandonou definitivamente ao seu destino.

Tanto Narcisa como também os seus filhos maiores (aliás ainda muito jovens) chegaram à conclusão de que todos os parentes Tirloni tinham interesse de reter a cota de herança do seu falecido João. Tanto os cunhados do Brasil como aqueles da Itália, não estavam intencionados a reconhecer os direitos do irmão morto, e voltavam as costas à pobre cunhada viúva, e aos filhos ainda pequenos. Tanto é verdade que seus cunhados nunca se reuniram para procurar encontrar uma solução, ou só verificar quem teria se apropriado injustamente daquela cota de herança.

A conclusão a que chegou Narcisa seria absolutamente inevitável, e não se pode, por certo, lançar uma culpa sobre esta pobre viúva que fazia fadiga até para matar a fome dos seus filhos, e pedia somente uma ajuda para que fosse feita justiça. Ninguém se preocupou em dar uma resposta, e também o silêncio da parte dos parentes italianos era, de fato, inexplicável. Pessoalmente espero que este silêncio tenha ocorrido só pelo fato de que as três cartas, por uma verdadeira série de infortúnios,

não tenham chegado aos parentes italianos, e que, portanto, eles não sabiam o que estava acontecendo no Brasil.

É preciso dizer que esta família Tirloni era, de fato, muito desafortunada. Na segunda metade dos anos 20 foi afetada por muitas e grandes desgraças, todas ao mesmo tempo, as quais assinalaram inevitavelmente o futuro destino. Se já o relacionamento com as três irmãs do falecido João e suas famílias não era, por certo, dos melhores, (sobretudo com a irmã Albina), agora o clima de suspeitas caía indistintamente sobre todos, e dividiu ainda mais os grupos familiares, piorando sucessivamente no curso dos anos, alimentado por sucessivas incompreensões.

Muitas pessoas sofreram, e muitas outras foram injustamente acusadas de latrocínio, porque as suspeitas caíam sobre todos. Inicialmente os maiores indiciados (também por causa do seu silêncio) foram os parentes italianos. Estes eram acusados de não quererem enviar a herança, porque o irmão mais velho estava morto, e não teria direito. Somente vinte e cinco anos mais tarde, com a visita ao Brasil do tio italiano de nome Emanuele Tirloni, houve a confirmação de que a herança havia sido expedida para Narcisa, e o montante era de 10.000 liras. A este ponto as suspeitas recaíram totalmente sobre alguns parentes do Brasil, que foram acusados de haverem se apossado ilicitamente da soma destinada a Narcisa.

A verdade sobre este furto de herança viria à luz somente muitíssimos decênios depois, quando todos os culpados já estavam mortos. O senhor Alcides Sgrot, que no tempo de jovem havia estudado e vivido com José Tridapalli, filho de Rosa Tirloni e, portanto, primo do velho tio João Tirloni," revelou aos irmãos João e Argentino que ao dirigir-se à alfândega para retirar todas as cotas de herança chegadas da Itália, haviam estado ali um filho de Rosa Tirloni Tradapalli e um genro de Joana Tirloni Morelli, isto porque eles eram homens jovens, tinham estudado, e portanto eram os mais indicados pelos seus pais para desembaraçar todos os trâmites burocráticos necessários para embolsar a soma de dinheiro, mas contrariamente às acusações movidas contra eles por muitos anos, não tinham subtraído a cota de Narcisa. O ladrão era outra pessoa, e Alcides Sgrot o revelou aos irmãos Tirloni, filhos de Narcisa.

Em nossos dias, somente o velho tio João tem o conhecimento desse nome, mas não é sua intenção revelá-lo, porque o culpado já está morto faz dezenas de anos, e não poderia defender-se desta acusação. Mas sobretudo não é intenção do tio João que os descendentes desse homem venham a ser indicados como ladrões por culpas cometidas por um predecessor. É nossa firme intenção respeitar a sábia vontade do tio João, e queremos agradecer-lhe por esta lição de vida que dá a todos nós!

Depois da triste humilhação recebida de todos os parentes que não a ajudaram nesse momento tão delicado, Narcisa, por entre mil dificuldades, continuou a viver junto com os seus filhos no Garabel, ainda por alguns anos. Mas a desventura infelizmente não acenava diminuir, e de fato, na segunda metade de 1927, pouco tempo depois da dura experiência passada por causa da herança roubada, a família Tirloni recebeu a visita de um padre jesuíta, vindo da cidade de São Leopoldo, situada no estado do Rio Grande do Sul. Este padre chegou de propósito até ali no Garabel para comunicar à família que Salvador Tirloni, primeiro dos filhos de Narcisa, e que estudava no seminário jesuíta daquela cidade, tinha morrido no final de julho, com ape-

nas dezesseis anos de idade. A causa da morte do jovem seminarista foi uma inflamação na perna, por causa de uma ferida contraída enquanto jogava futebol durante um momento de recreio no seminário. Uma coincidência de fato incrível: o mesmo motivo que havia feito prematuramente morrer o chefe da família só três anos antes, agora se lançou contra o primeiro dos seus filhos.

A única coisa que talvez tenha causado um pouco de consolação ao coração de Narcisa pela perda do filho foi o fato revelado pelo padre jesuíta à família que o jovem Salvador morreu em santidade, e que graças a seus méritos e à sua exemplar conduta mantida durante a vida, os seus superiores decidiram ordená-lo padre, fazendo-lhe a vestição antes da morte, de modo que subiu aos céus como padre Salvador Tirloni. A foto de padre Salvador ficaria sempre bem exposta na casa de Narcisa.



Salvador Tirloni durante os anos de seminário (fotografia dos anos 20)

A família Tirloni continuava a viver no Garabel por mais dois anos de desesperadas tentativas para não sucumbir à brutalidade dos acontecimentos, mas também à natureza hostil que a cercava.

Causa admiração escutar os relatos do velho tio João, sobretudo porque os protagonistas destas arriscadas aventuras até aos limites da sobrevivência, eram pouco mais que crianças. Já causava admiração ouvir as lutas nas quais se envolvia o chefe de família Alessandro, junto ao grupo de valorosos pioneiros. Eles, porém, homens jovens, e com força física. Mas, neste caso, é preciso pensar que as investidas de caça para buscar alimento cabia a jovencinhos de menos de quinze anos.

Além disso, é preciso considerar que os temerários irmãos Tirloni penetravam em meio ao mato, não armados com armas de precisão, mas por certo com armas de corte, com alguma espingarda, e talvez com arcos e flechas. Tudo era ainda mais difícil porque deviam expor-se muito mais aos riscos. Por sorte havia os cachorros Tiba e Branco que ajudavam muito, porque além de avistar as presas, funcionavam também como defesa dos seus patrões.

O tio João recorda ainda muito bem uma ocasião na qual o seu irmão mais velho Marcial Alexandre tinha conseguido matar uma grande macaca, mas depois precisou fugir correndo porque outros macacos reuniram-se e iniciaram a persegui-lo. Ele foi correndo até em casa seguido pelos macacos furiosos que não desistiam dos seus intentos. Quando chegou em casa conseguiu soltar os cachorros antes que os macacos chegassem a agredi-lo, e os cachorros sozinhos chegaram a espantar os macacos ferozes para o mato, e liberar Marcial da grande ameaça que incidia sobre a sua vida.

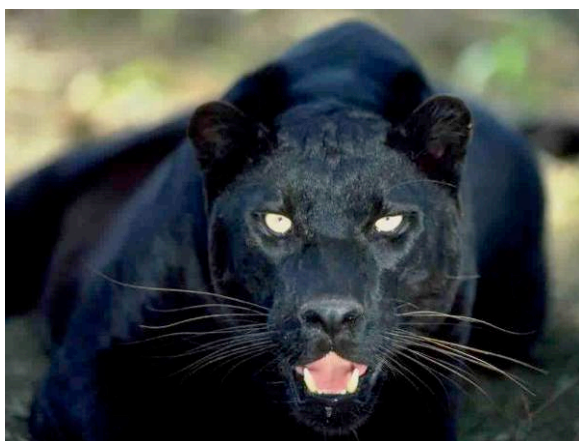
Além dos cachorros, uma grande ajuda foi dada aos jovens caçadores por uma outra pessoa vizinha deles, o velho Bernardo. A mesma pessoa que o tio João recorda ter ficado junto a ele na tentativa de consolá-lo, enquanto via desaparecer no meio do mato a carroça sobre a qual tinha sido colocado cadáver do seu pai. Este homem lhe deu de presente, quando tinha apenas doze anos, portanto em 1928, uma espingarda chamada pelo tio de "pica-pau de chumbinho".

Esta espingarda lhe serviria, bem como aos seus irmãos, durante as caçadas, para matar também animais maiores, como os macacos. Serviria também para matar animais perigosos, como por exemplo as serpentes, que muitas vezes eles encontravam no mato fechado, ou até na clareira na qual surgia a casa dos Tirloni



Espingarda brasileira do início do 1900 (fotografia - época atual)

Os animais perigosos, porém, não eram apenas as serpentes. O velho tio João confirma que a sua vida de todos os dias no meio do mato era sempre caracterizada pelo medo. Não chegou nunca a desvencilhar-se dela, e os seus olhos e orelhas estavam sempre atentos para perceber qualquer rumor, como sinal de perigo. Sobretudo viviam com medo da onça preta, a pantera negra.



Onça preta (fotografia - época atual)

O que o tio João recorda é o bruto epílogo que teve como protagonista um homem que estava decidido a matar a onça preta, a qual, fazia tempo, girava pelo Garabel, semeando morte e terror entre os poucos habitantes desta zona. O caçador, decidido a libertar os terrenos da ameaça desse felino, tinha se armado e havia entrado sozinho no Mato, à procura entre as mais densas moitas, do esconderijo da fera. Ele nunca mais voltou para sua casa.

Foi obviamente iniciada a procura desse homem, mas do temerário caçadora não havia mais sinal. Depois de um pouco de tempo, foram encontrados (talvez mesmo pelos jovens irmãos Tirloni durante uma caçada), o chapéu e a espingarda desse homem que tinha querido desafiar a onça. A hipótese é que o caçador tivesse sido morto pela onça, e depois arrastado para a sua toca, talvez em alguma gruta, porque os ossos deste homem não foram nunca mais encontrados.

De fato, são muitos os relatos que o velho tio João ainda recorda desses cinco anos passados no Garabel. Ele conta sobre a sua “pica-pau” recebida de presente do velho Bernardo, e sobretudo as viagens a pé até Porto Franco ou Águas Negras, feitas em companhia da irmã menor Madalena. Estes relatos são um testemunho direto que nos ajudam a enquadrar e a colher na sua inteireza as emoções, os medos e os grandes momentos críticos passados pelos primeiros pioneiros, entre os quais o patriarca Alessandro Tirloni, que se haviam lançado nestas terras selvagens só cinquenta anos antes.

A lucidez com a qual o tio João conta esses fatos, bem como a emoção que ele ainda agora prova e transmite a todos aqueles que o escutam, indicam que, de fato, esta foi para todos os irmãos Tirloni, que eram um pouco mais que meninos, bem como para a sua mãe Narcisa, uma experiência de fato muito forte e tão difícil que os assinalou para sempre de maneira indelével.

São estas as típicas reações das pessoas que passaram momentos não só difíceis, mas podemos dizer, quase traumáticos (como poderia ser, por exemplo, a experiência de uma guerra), e que ainda agora, na distância de muitíssimo os anos, não se quer cancelar.

Como já foi dito, com o passar do tempo, Narcisa, que não tinha absolutamente capacidade empreendedora e não tinha condições de negociar aquilo que possuía, se encontrava sem dinheiro e se viu obrigada a vender por pouco aquilo que tinha (os

bois, o carro de bois e outras coisas), a fim de angariar alguns réis para fazer frente à necessidade dos seus filhos. Assim fazendo, chegava temporariamente contornar os problemas, mas em breve se encontrava numa situação de não ter mais nada para vender.

Por isso, todos chegaram à conclusão de que era um absurdo ficar a viver em condições assim selvagens e perigosas. Se deram conta que era inadmissível viver uma vida selvagem, na qual se devia arriscar a vida todos os dias, apenas para conseguir o alimento cotidiano, quando em torno a civilização se movia e se desenvolvia. A serraria foi abandonada e a família, em torno dos anos 1929/30, se transferiu para Nova Trento.

A propriedade do Garabel não foi vendida imediatamente, mas permaneceu propriedade da família, sem, porém, que ninguém a desfrutasse. Também por esse lado, infelizmente, a desventura não acena de abandonar a família Tirloni que se vê constrangida a vender esta propriedade por necessidade, alguns anos mais tarde, quando já havia entrado em vigor uma lei que proibia o corte da madeira. Também neste caso, portanto, na casa Tirloni entrou pouco dinheiro. Tanto é verdade que o tio João comenta que a propriedade foi vendida por uma ninharia.

O negócio foi feito pelo filho mais velho, Marcial Alexandre, quando já era casado, portanto, ao final dos anos 30. O comprador foi um senhor de Brusque cujo nome se perdeu no tempo.

Uma outra versão dos fatos, citada pela tia Francisca, diz que o sítio do Garabel teria sido vendido para o tio João Morelli. Esta versão foi confirmada também por alguns descendentes Morelli. No entanto não é fácil de se ter clareza sobre este fato. Talvez tenha sido feito uma coparticipação entre os dois compradores. Mas a respeito disso não temos certeza.

A casa de madeira foi demolida e a serraria foi desmontada para ser remontada e utilizada em outra localidade. Portanto, desde quando os Tirloni foram embora, o sítio do Garabel não foi mais utilizado, tanto é que hoje, depois de mais de 80 anos, foi de novo engolido pelo mato fechado, e voltou a um estado anterior. As únicas testemunhas ainda visíveis do sonho acalentado na vida do falecido João Tirloni são as colunas da casa, os fundamentos da serraria, o bananal, as canas de bambu, e as plantas de goiaba plantadas pelos Tirloni.

6.7.3 Retorno a Nova Trento e os últimos anos de Narcisa

Não se sabe precisamente qual tenha sido o motivo que mais influenciou para que Narcisa tomasse a decisão de deixar o Garabel, uma terra da qual ela era proprietária, para transferisse para Nova Trento. Não sabemos se, sobretudo, tenha sido a dificuldade de viver em um lugar assim selvagem, ou o fato de se ter encontrado sem mais nada e sem dinheiro. É de se supor que Narcisa, nesse momento de extrema dificuldade, tenha preferido voltar para a sua vila Natal, na qual se sentiria mais segura, e na qual ela tinha os parentes e amigos, de quem esperaria que pudessem ajudá-la.

A ideia de transferir-se para Porto Franco e de viver ao lado dos cunhados com os quais agora já não tinha um bom relacionamento e a quem considerava maus e traidores, parece que de fato ela nunca levou em consideração.

Narcisa se decidiu deixar o Garabel a convite dos seus parentes que, certamente, não estavam tranquilos ao saber que ela vivia em meio ao mato, entre mil dificuldades, e com sete filhos para fazer crescer. Mas sobretudo foi a intervenção da sua velha mãe, Ângela Sgrot, que chegou a convencer a filha Narcisa a abandonar para sempre o Garabel, e a transferir-se para uma casa que ela predispôs de propósito para a filha, localizada aos pés do morro da Cruz, em Nova Trento.

Também esta nova vida foi iniciada entre muitas dificuldades, sobretudo econômicas, porque a família Tirloni estava deveras reduzida à pobreza. Afortunadamente os filhos maiores conseguiram todos encontrar um trabalho e podiam contribuir para o sustento da família. O filho mais velho, Marcial Alexandre, tinha dezessete anos e começou a trabalhar como vendedor no empório do Sr. Luiz Busnardo. A filha Luíza que tinha quinze anos foi trabalhar como doméstica em uma família de bens. O filho João que tinha apenas treze anos começou a trabalhar como servente de pedreiro.

O velho tio João admite que nesse primeiro período o dinheiro em casa era muito escasso. Praticamente deviam trabalhar para conseguir apenas a comida. Se não se trabalhava não se comia... Assim como o dinheiro ganho era apenas suficiente para matar a fome, não havia modo de fazer também uma reserva. Era preciso comprar a crédito, esperando que, com o tempo, a situação econômica melhorasse e se pudesse saldar as dívidas.

Infelizmente a situação foi para frente desse modo por diversos anos, tanto que Narcisa precisou vender a casa deixada da mãe Ângela para pagar todos os débitos que tinha contraído no empório, e se transferiu com todos seus filhos para uma pequena casa de madeira tomada por aluguel!

A coisa verdadeiramente triste é que naquela época a família era ainda proprietária da terra do Garabel, mas em Nova Trento, onde viviam, não havia nem sequer um pequeno horto para cultivar, a fim de terem um pouco de comida.

De acordo com os relatos transmitidos, parece que nenhum dos familiares teria se mexido para ajudar a família Tirloni. Mas deve-se também considerar que a situação com os parentes Morelli, Maestri e Tridapalli era muito feia, principalmente por culpa do problema do furto da herança. Seja também dito que Narcisa, porque considerava todos os cunhados como traidores, não estava muito bem disposta a escutar os seus eventuais conselhos, ou talvez, também se os escutasse, não se empenhava para colocá-los em prática. Esta é uma hipótese que, em um momento assim complicado, não há mais motivos de existir.

Narcisa era descrita pelos seus próprios filhos como uma mulher muito boa e dedicada, mas privada de capacidade comercial. Isso foi uma das tantas causas que a tinha levado a vender tudo quanto tinha no Garabel, mas agora que se encontrava em Nova Trento, Narcisa não possuía mais nada. Portanto, a possibilidade de fazer frutificar os seus bens ficava descartada.

Defronte da miséria mais completa, e com uma economia familiar que praticamente estava reduzida à subsistência de cada dia, sem possibilidades de projetar-se para o futuro, já era muito que os Tirloni chegassem a ter qualquer coisa para comer todos os dias. A este ponto não se pode acusar Narcisa de não ser capaz de organizar a sua poupança, ou de fazer frutificar aquilo que tinha. Mesmo a tal propósito e à luz do quanto se disse até agora, parece estranho, ou até dificilmente interpretável, um relato que a ela se refere, encontrado na correspondência entre os dois ramos da família. Pois em uma carta escrita em 1934 pelo sobrinho italiano Ângelo Tirloni (filho de Emanuele Tirloni, irmão menor do falecido João) dirigida para Rosa Tirloni Tridapalli (cunhada de Narcisa), o jovem Ângelo escreveu: "O que a nós deixa mais preocupados é a respeito da tia Narcisa, que vai mal. Dos conselhos de vocês ela pouco quer saber, mas aquilo que vocês puderem, procurarem aconselhá-la, e façam-lhe o bem."

Ninguém sabe quais teriam sido precisamente os conselhos dados pela cunhada Rosa, os quais Narcisa não queria aceitar, mas de fato torna-se difícil pensar que em uma situação grave como aquela na qual se encontra, Narcisa pudesse pensar de fazer também economia em previsão de um bem-estar futuro.

Também entre essas duas cunhadas, os relacionamentos não eram muito interessantes pelos vários motivos expostos precedentemente, mas no entanto eram parentes, e nos momentos de maior dificuldade dever-se-ia dirigir também a eles... Provavelmente em um desses momentos, Narcisa deve ter falado com a cunhada Rosa expondo seus problemas, talvez com a esperança de receber ajuda, e Rosa se tenha sentido no dever de admoesta-la a respeito dos prováveis riscos dos quais andava de encontro.

Infelizmente, porém, quando se deve fazer as contas com a comida cotidiana e com a fome, tudo parece lícito, e também a decisão economicamente mais precipitada (como, por exemplo, vender a casa recebida da mãe) aparece como a única solução para colocar um pouco de comida no estômago, e sobreviver!

Analisando esta carta, parece claro o conselho que transparece das palavras do sobrinho Ângelo. Embora as coisas não estejam bem, o jovem Ângelo sugere à tia Rosa de ter paciência e compreender as indigências nas quais se encontra a tia Narcisa, e chega mesmo a sugerir de "lhe fazer o bem", isto é, de ajudá-la também economicamente.

Ângelo, naquele tempo, era um jovem de 21 anos, e que pode ter parecido imprudente ao se permitir dar um semelhante conselho a uma pessoa que já tinha 50 anos. Mas é preciso considerar que Ângelo escrevia sempre por orientação do seu pai Emanuele (irmão de Rosa) e o seu empenho era de escrever exatamente aquilo que era sugerido pelo seu genitor. Portanto, é nesta perspectiva que deve ser lido o aconselhamento escrito para a tia brasileira, ou seja, que os parentes italianos, preocupados com a sorte da cunhada Narcisa e a dos seus filhos, sugeriam à rica irmã Rosa de "colocar sua mão sobre o coração", e ajudar de alguma maneira os parentes indigentes.

As incompreensões, infelizmente, pioraram, e os relacionamentos entre as duas cunhadas se esfriaram sempre mais, até chegar ao ponto no qual se envolveram tam-

bém os jovens filhos de Narcisa. Aconteceu, de fato, uma coisa verdadeiramente triste que por certo foi ditada mais pela raiva momentânea do que por uma objetiva malícia. Ao final dos anos 30, um dos filhos menores de Narcisa (não sabemos se se tratasse de Argentino ou de Palmo) movido de fome, ou mandado pela mãe, se achegou ao empório que a tia Rosa tinha em Nova Trento, em entrado no empório, ali encontrou o marido - o tio Carlos Tridapalli - ele pediu cinco biscoitos, dizendo que não os queria como presente, mas que marcasse o preço na conta da mãe, a fim de que viessem a ser pagos.

O tio Carlos não se fez problema e marcou a despesa na conta da cunhada, e deu os biscoitos ao sobrinho, que agradeceu contente, saiu do empório e se dirigiu para casa. Logo depois chegou no empório a tia Rosa e o marido a colocou logo a par do acontecido. Ela, não aprovando o que ele fez, o obrigou a procurar o sobrinho e a tomar de volta os biscoitos.



Cônjuges Rosa Tirloni e Carlos Tridapalli (fotografia dos anos 20 e 30)

Como se pode ver, o destino da família Tirloni permanece aquele de viver ainda por muitos anos na indigência, ajudada sobretudo pelos outros habitantes de Nova Trento que, de vez em quando, procuravam de ir ao encontro das necessidades mais urgentes desta desafortunada mas lutadora família.

A sua condição melhorou somente graças à fábrica de tecidos "Carlos Renaux" que surgiu ao longo da estrada que levava na direção de Brusque. Esta empresa havia nascido em torno do fim dos anos de 1.800, mas recebeu um grande aumento em torno do fim dos anos de 1940, e por este motivo começou a chamar operários de todas as vilas das circunvizinhanças.



Fábrica de tecidos Carlos Renaux (fotografia dos anos 40)

Todos os sete irmãos Tirloni chegaram a encontrar emprego nesta fábrica, e quatro destes (Marcial, João, Argentino e Maria) trabalharam nesta fábrica por mais de trinta anos, até a aposentadoria.

A fábrica funcionava com dois turnos. O primeiro das 5:00 às 13:30, e o segundo das 13:30 às 22:00 horas. Por causa desses turnos, os irmãos Tirloni tiveram a possibilidade de encontrar outros trabalhos para fazer durante a folga dos seus turnos, e foi de fato graças a essa conjuntura que todos os irmãos chegaram, depois de anos de sacrifícios e privações, a poderem lançar as bases para construir um futuro melhor. Com as primeiras economias chegaram a alugar uma casa, que bem longe de ser luxuosa, pelo menos era maior e um pouco mais bela, em comparação àquela na qual habitavam antes, e para ela se transferiram todos.

Com o tempo chegaram a fazer valer a sua tenacidade, e aos poucos chegaram, cada um, a colocar as suas vidas sobre bases mais decentes.

Os irmãos Tirloni, pouco a pouco, se casaram, deixaram a casa materna, mas nunca se esqueceram de todos os sacrifícios feitos pela sua mãe, assistindo-a por toda a vida. Narcisa continuou sempre a viver em uma casa de aluguel, ajudada economicamente pelos filhos. Finalmente, também para ela chegou um pouco de tranquilidade, e pôde permitir-se de passar uma velhice serena, mas sempre na simplicidade, na humildade e na sobriedade, ajudada pelas recordações trazidas pelo cachimbo que pertencia ao falecido marido João.

Narcisa agora não precisava mais sobrecarregar-se com os problemas econômicos da sua família, coisa que, durante anos, tanto a tinha oprimido e preocupado. Agora era uma anciã dona de casa, ajudada pelos filhos, e guardada pelos seus dois anjos da guarda (o marido João e o filho Salvador, cujas fotos faziam sempre uma

bela amostra na sua casa), e se dedicava à profissão de avó. De fato, teve o tempo de ver nascer quase todos os seus 47 netos.

Se fez fotografar junto com todos os seus filhos, na sua única fotografia que chegou até nós, provavelmente feita entre os anos 40 e 50.



Família Tirloni em Nova Trento (fotografia anos 50)

Por ordem de disposição se veem:
Argentino, Palmo, João, Marcial, Luíza, Madalena, Maria
Narcisa.

Esta foto é uma autêntica obra de arte, na qual nada foi feito por acaso. Narcisa, a matriarca, é a única assentada. Os filhos estão em semicírculo, atrás dela, com uma precisa ordem homens e mulheres divididos e dispostos de acordo com a idade, estando os mais velhos Marcial e Luíza, vizinhos da mãe, e os mais jovens mais distantes. Um verdadeiro exemplo de arte fotográfica, como naquele tempo se sabia fazer!

Não sabemos com precisão em que ocasião foi tirada esta foto. O fato é que todos estão vestidos com elegância. Permite imaginar que se tratava de uma festa ou de um acontecimento particular, talvez um matrimônio ou um aniversário particularmente significativo da mãe Narcisa.

Todos estão formais e bem postados, como se usava fazer naquele tempo quando se fazia retratar em uma "fotografia oficial". A seriedade era obrigatória! Narcisa aparece vestida de maneira simples e descontraída. Não sabemos quantos anos pudesse ter, mas se formos tomar em consideração o rosto dos filhos (que são agora todos adultos), se pode presumir que a matriarca tinha superado os 60 anos.

Seus cabelos estão ainda muito escuros, (diferente da maior parte dos Tirloni que na velhice tendem a ficar brancos precocemente), a sua figura não é por certo pe-

quena, mas ao contrário, aparece como uma dona forte, e que não se deixou dobrar por tantas tribulações e desgraças passadas.

Observando-a, se pode perceber todos os sinais que tanto trabalho e tanta fadiga deixaram sobre o seu rosto e sobre suas grandes mãos, onde aparece ainda bem robusta, depois de tantos anos de viuvez. Esse detalhe mostra exatamente a grande recordação que Narcisa conservaria, por toda sua vida, do falecido marido, e agora que temos conhecimento do seu rosto, podemos reviver plenamente a imagem de Narcisa, que depois de acender o cachimbo que tinha sido de João, fechava os olhos e se abraçava ao seu homem, perdido tantos anos antes.

O tio Durval Maestri, filho de Albina Tirloni, se dirigia frequentemente a Nova Trento para visitar os parentes, e assim recorda a tia Narcisa: "Coitadinha, muito pobrezinha, morava numa casinha, lá em cima na madre Paulina ."

Esse relato do tio Durval é muito interessante, e está focalizado sobre dois pontos de vista. Antes de tudo é preciso notar o uso das palavras do tio Durval. Mas é interessante perceber também qual era a importância, em si, que representavam aquelas visitas. Por um lado, o tio Durval faz notar com suas palavras, sobretudo com o uso do diminutivo, o fato de que, na humildade em que vivia, Narcisa não deixava de fazer transparecer uma forte dignidade. Esta descrição é uma imagem, quase bucólica, que traz à mente as palavras que o Papa João XXIII usava, falando de si mesmo: "Venho da humildade, e educado em uma pobreza contente e bendita"). A pobreza e a pequena casa de Narcisa não foram vividas por ela como uma condenação, mas como uma condição vivida com grande dignidade.

Narcisa não era uma dona da qual se deveria ter pena, mas ao contrário, uma dona para se admirar, tanto pela dignidade com que viveu todas as atribulações, como pelas provas que o destino lhe havia reservado.

O segundo aspecto muito belo para notar na visita do tio e Durval Maestri é o fato de que Narcisa aceitava as visitas do sobrinho. Este é um aspecto muito importante porque o tio Durval não era um sobrinho qualquer, mas era um filho da Albina, a cunhada que tanto brigava com o defunto marido de Narcisa, e que certamente era acusada como a causa de todas as desgraças acontecidas à família Tirloni. Albina e Narcisa eram as duas cunhadas rivais, que viveram ambas por muitos anos, e aliás, Albina viveu dois anos a mais do que Narcisa. Certamente as duas mulheres nunca fizeram as pazes, mas o filho de Albina, não sendo culpado do quanto havia acontecido, vinha para a casa de Narcisa. Ela, deixando de lado aquelas questões, acolhia-o na sua humilde casa.

É preciso contar que também nos tempos sucessivos, quando todos os filhos já eram adultos, os rancores não foram totalmente soterrados. Tanto é verdade que um dos filhos de Narcisa, um dia, teve uma reação furiosa num encontro com a velha tia Albina, e chegou a ofendê-la com palavras de acusações muito graves, culpando-a da morte prematura do seu pai.

Também nesta ocasião o sábio tio João preferiu não revelar o nome do irmão que ousou ofender tanto a tia Albina, mas recordava ainda muito bem o nível da acusação: "Se a senhora não tivesse roubado o dinheiro do empório, o meu pai jamais teria comprado o sítio do Garabel, e ele não estaria morto... Por culpa da senhora é que

ele morreu!... A senhora nunca tinha dinheiro para pagar a parte dos ganhos do empório que eram do meu pai, mas teve dinheiro para comprar toda a parte dele...”

Voluntariamente, ao contar este episódio, o tio permaneceu muito vago, e não se compreende se efetivamente tivesse sido uma discussão, face a face, entre a tia e o sobrinho, ou se eram acusações que o irmão fazia em casa, nos momentos de raiva, mas que nunca teriam sido expressas pessoalmente à velha tia.

Não sabemos como Narcisa teria julgado estas manifestações do seu filho. Não sabemos se ela o teria apoiado, ou se talvez tivesse procurado destemperar tais acusações. Não sabemos nem sequer o que eventualmente tenha respondido a tia Albina, no caso de ter ouvido do sobrinho aquilo que ele pensava. Mas, por certo, não é belo que tenham sido usados esses tons.

Podemos unanimemente compreender a raiva de uma pessoa que perdeu o pai durante a infância, e por isso precisou combater contra a fome por decênios. Mas as palavras por ele usadas foram deveras muito duras para poderem ser aceitas e escusadas.

Narcisa durante a sua longa velhice nunca deixou de fazer emergir a simples bondade de ânimo e a sua dedicação para com o próximo. É descrita por todos aqueles que a conheceram como uma dona muito boa, e todos conservaram uma belíssima recordação. Nunca deixaram de ressaltar, sobretudo, os seus dotes humanos.

Era uma mulher de grandíssima fé e de total altruísmo. Não pensava nunca em si, mas só exclusivamente em seus filhos, noras, genros e netos, tendo no coração um grande desejo pela felicidade deles, e um cuidado zeloso para com todos eles. Tanto é verdade que nos momentos de dificuldade, ela se privou de tudo aquilo que tinha para garantir a comida de cada dia e as roupas para a sua prole.

Mesmo porque havia provado em sua própria pele o que quer dizer ser pobre e estar sozinha diante das dificuldades, Narcisa agora com mais de sessenta anos, se sentia quase no dever de dar o seu contributo, embora pequeno, feito de simples ações, para fazer com que nenhum outro, na sua comunidade de Nova Trento, passasse aquilo que ela passou. E era mesmo por isso que ela procurava por todos os modos educar seus filhos, infundindo neles o conceito de ajuda recíproca. O filho João e a nora Francisca recordam que Narcisa se empenhava sempre, até mais do quanto podia fazer, para ajudar os outros, e exortava sempre todos os seus familiares e conhecidos a fazerem o bem ao próximo.

Narcisa é sempre lembrada pelo seu constante agir junto da gente de Nova Trento, sobretudo a nível doméstico, com as jovens senhoras que davam à luz. A nora Maria Josefina Darós (mulher do velho tio João) recordava que a sogra Narcisa se prestava muito como lavadeira, tomando os cuidados das mães gestantes e dos seus recém-nascidos, até quando esses últimos perdessem o cordão umbilical.

Recordava também que, quando ela ainda não era casada com o tio João, ficou grávida do primeiro filho. Seus genitores, como reação, a tinham expulsado da sua casa. Ao passo que a futura sogra Narcisa imediatamente a acolheu, sem nunca julgá-la pelas suas escolhas. (Naquele tempo, em casos como este, a maior imputada de culpa era sempre a moça, enquanto homem era sempre absorvido.) Narcisa fez o me-

lhor que pôde para realizar uma bela festa de matrimônio, com música e alegria até ao amanhecer.

Exatamente como quando era jovem e se encontrava diante da escolha de abandonar a vida na vila de Porto Franco para transferisse para o Garabel, Narcisa, também em ocasiões como esta em que o filho havia engravidado a namorada, defendeu com unhas e dentes a felicidade dos filhos, e se esta era a sua escolha, e se isto era o que lhes causasse felicidade, ela era favorável, e aprovava com entusiasmo. Talvez mesmo porque por muitos anos as suas escolhas tivessem sido julgadas pelos parentes do defunto marido, eis que agora Narcisa não julgava os seus parentes, para evitar que sentissem sobre si mesmos os olhares pesados e acusadores, que sentissem as mesmas palavras duras que ela ouviu, e que vissem o mesmo “balançar a cabeça” que provavelmente tanto a haviam ferido no passado.

Tanto ela como todos os seus filhos eram muito religiosos e devotos. A oração na casa Tirloni estava na ordem do dia, e a Santa Missa era vivida como um monumento sacro e irrenunciável. Tinha sido sempre assim em sua família, desde os inícios. Mesmo entre as mil dificuldades do Garabel, quando ainda estava vivo o falecido marido João, mas também depois de sua morte, a família não faltava nunca às funções religiosas. E nos momentos de grande dificuldade, quando a esperança parecia desaparecer, a oração cotidiana tornava-se um momento para reafirmar e reencontrar a esperança para o dia de amanhã.

Todos esses relatos fazem bem justiça a esta família que, por todos os neotrentinos que os conheceram, eles eram indistintamente definidos como "gente boa" ou "gente de coração"!

Em 1949 chegou a Nova Trento o cunhado italiano Emanuele Tirloni, irmão de seu falecido marido João. Os filhos de Narcisa, avisados da iminente chegada do tio dos parentes Tridapalli, mas também seu parente Tirloni, colocaram-se à disposição e fizeram tudo aquilo que estava nas suas possibilidades para garantir um belo acolhimento ao tio italiano. Também Narcisa o recebeu de muito bom grado, na sua humilde casa.

Durante esse encontro, os dois cunhados que não se viam há 40 anos, e por todos estes anos tinham mantido só esporádicos relacionamentos epistolares, aliás mais por pura formalidade, agora tinham como falar e esclarecer sobre os problemas da herança não recebida, que já duravam decênios. Foi assim que Emanuele, o qual provavelmente estava a par do fato de que Narcisa não havia recebido o dinheiro da herança do patriarca Alessandro Tirloni, falecido há quase 25 anos, teve a ocasião de demonstrar a sua inocência, e inocentar todos os parentes italianos sobre a dúvida de não terem querido incluir na partilha dos bens, o irmão João, prematuramente morto. Permanecia ainda aberta a dúvida sobre por que ninguém teria respondido às três cartas escritas por Narcisa. Pode ser que elas não tenham nunca chegado ao destino, e portanto, o cunhado podia ser desculpado também dessa acusação.

Narcisa demonstrou ser uma dona sábia, acreditou nas palavras do cunhado e se reconciliou com os parentes da Itália.



Os cunhado Narcisa Gessele e Emanuele Tirloni como deviam parecer no momento do seu encontro em 1949

Após este encontro esclarecedor com o cunhado italiano, Narcisa viveu serenamente ainda por muitos anos, nos quais viu nascer, crescer e tornarem-se grandes todos os seus numerosos netos, e não se privava nunca de ajudar como podia os seus familiares.

Em um certo momento, para não deixá-la viver em casa totalmente sozinha, a filha Maria Tirloni Darós, provavelmente pouco depois de se casar, pediu-lhe que fosse morar em sua casa, e foi assim que Narcisa se transferiu para a casa da filha, e se ocupava dos afazeres domésticos e do crescimento das crianças, enquanto a filha estava trabalhando na fábrica Renaux.

É nesta casa que Narcisa, - que muito provavelmente tornou-se também bisavó, - festejou um importante acontecimento, - coisa não muito comum naquela época, - os seus 80 anos. No entanto, não temos testemunhas com fotografias relativas àquele acontecimento. Naqueles tempos não era praxe festejar o aniversário, mas se pode crer que ao menos em uma ocasião de um acontecimento importante, toda a sua grande família se tenha reunido e tenham organizado uma bela festa, na qual Narcisa, depois de tantos anos de dores, fadigas e privações, era a grande festejada. Em uma semelhante idade, deve ter sido uma, dentre as pessoas mais velhas de Nova Trento, senão, talvez mesmo, a mais velha da pequena cidadezinha!

Depois de tudo aquilo que aconteceu, todos auguravam que pelo menos agora Narcisa fosse poupada da sorte adversa. Mas não foi assim.

Por volta daquele mesmo ano no qual havia chegado aos 80 anos, um dos seus filhos mais jovens, Palmu, começou a acusar persistentes problemas de saúde. Submeteu-se a exames, o resultado não deixou dúvidas: leucemia... Provavelmente, no início, a velha mãe foi mantida no desconhecimento desta grave sentença que os médicos deram ao filho. Mas a tremenda doença prosseguia com um ritmo fulminante, e somente dois meses depois deste tremendo veredicto, aos 28 de fevereiro de 1966, a velha Narcisa chorava pela segunda vez, a morte de um filho!

Naquele tempo as pessoas eram muito mais habituadas ao luto e à morte em jovem idade, e não era uma coisa rara. O certo é que permanece sempre uma coisa não natural que os pais sobrevivam aos próprios filhos, e de maneira especial quando os pais já chegaram a uma idade assim tão avançada!

Este grave luto levou sérias preocupações para Narcisa. A respeito disto, bem nos fala a tia Francisca, viúva de Palmo Tirloni. A tia conta que para a sogra Narcisa, a perda do filho Salvador, acontecido há quase 40 anos, foi menos difícil de superar, porque não o tinha visto morrer, pois Salvador vivia no seminário de São Leopoldo, e sobretudo porque havia saído muito cedo da família para viver a sua vocação.

Provavelmente, quando Narcisa veio a saber da sua morte, fazia muito tempo que não o tinha mais visto, enquanto que no caso de Palmo, tudo foi diverso. Ela o viu adoecer, piorar e desvanecer diante dos seus olhos.

A tia Francisca conta que a sogra Narcisa sabia muito bem que a tristeza por causa desta perda poderia tê-la feito morrer. Contudo fazia muito esforço para reagir, e o seu pensamento andava sempre na direção do segundo filho que a tinha precedido para a outra vida. Conta a tia Francisca que a sogra Narcisa dizia: "Quando a gente se torna velha não é bom ter tristeza, porque é difícil de sobreviver".

Narcisa, não obstante a grande tristeza, continuava a conduzir a sua vida de todos os dias, acompanhada pelo cachimbo do marido, e agora havia-se habituado a fumar sempre, três vezes ao dia. Os familiares fizeram algumas tentativas para procurar aliviar a mãe e fazê-la ao menos relaxar um pouco. Entre estas tentativas, a filha Luíza, residente em Brusque, decidiu comprar para a mãe um belo vestido, dizendo-lhe que queria vê-la vestida com ele, quando viesse a visitá-la em Nova Trento, no dia da festa de São José, no dia primeiro de maio.

Narcisa consentiu, colocou o vestido no armário, na expectativa de poder vesti-lo. No dia anterior à festa, **29 de abril de 1966**, pediu à neta Juvanita, primogênita da filha Maria, de ir buscá-lo para passá-lo a ferro. Preparou-se para fazer-se encontrar pela filha, no dia seguinte, com este presente no corpo. Quando Maria voltou para casa do trabalho, pelas 22 horas, a mãe Narcisa lhe confessou que havia procurado ir dormir, mas tinha precisado levantar-se, porque tinha um pouco de dor de cabeça e não se sentia bem.

Supondo que não tivesse feito boa digestão, pediu à filha para ir ao jardim buscar uma determinada erva, (o cibazol), que vinha sendo usada como remédio para a dor de cabeça. Maria foi recolher a erva, entrou em casa e procurou a mãe. Narcisa estava sentada sobre a cadeira de balanço, com as mãos unidas sobre o peito, com a testa levemente inclinada para a direita e os olhos voltados para o céu. Mas não lhe respondeu. Maria se avizinhou, experimentou chamá-la, mas a este ponto percebeu que a sua mãe Narcisa já não estava mais... Morreu... Tinha quase 81 anos.

Narcisa morreu por causa de um ataque cardíaco dois meses depois do filho Palmo. Depois de todas as dores que passou na vida, ao menos no momento extremo, ela foi poupada de uma dolorosa agonia, e chegou junto de seu amado João, de maneira instantânea, sem sofrimentos, e provavelmente, sem quase perceber. Foi sepultada no cemitério de Nova Trento, vizinha do filho Palmo, em uma tumba na qual depois foram sepultados também os filhos Argentino com a mulher Maria Batisti.



Tumba de Narcisa Gessele Tirloni no cemitério de Nova Trento (fotografia do ano de 2009)

Também no seu caso, sobre a tumba foram gravados erros de transcrição, seja do seu sobrenome, seja sobre a sua data de nascimento, que está declarado um ano e meio mais tarde do que na realidade tinha acontecido. Preferimos dar o valor de verdade ao certificado de batismo, antes do que aos vários documentos de matrimônio. O documento de batismo é o mais acreditável do que todos aqueles outros encontrados.

Deixou seis filhos vivos, quarenta e sete netos, provavelmente todos já nascidos ao momento de seu sepultamento, e talvez também algum bisneto. Não temos à disposição as datas de nascimento de todos, portanto não podemos ser mais precisos nos dias de hoje. Permanece vivo ainda hoje um filho, o tio João Tirloni, e uma nora, a tia Francisca "Checa" Andreoli Tirloni, e é de fato graças a eles que nós chegamos a lançar luzes sobre toda a história contada neste longo capítulo. A estes dois tios vai o mais sincero agradecimento!

No que se refere à descendência de João e Narcisa, não temos ainda à disposição datas corretas sobre a sua descendência, mas de acordo com o que sabemos, (o recenseamento feito nos anos 80, e poucos acréscimos comunicados pelos vários descendentes por ocasião de minha viagem ao Brasil, e nos sucessivos contatos epistolares) eles tiveram 71 bisnetos, 23 trinnetos.



Os cônjuges João Tirloni e Narcisa Gessele na única foto que os representam.